



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

**UM SALÃO DE BELEZA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: A MUDANÇA
DO CÓDIGO LINGUÍSTICO NA FALA DO FRONTEIRIÇO E AS VARIÁVEIS
QUE COMANDAM A INTERAÇÃO**

Lorena Oliveira Py

Orientadora: Prof^ª. Dra. Fabiane Villela Marroni

PELOTAS, RS

2017

LORENA OLIVEIRA PY

**UM SALÃO DE BELEZA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: A MUDANÇA
DO CÓDIGO LINGUÍSTICO NA FALA DO FRONTEIRIÇO E AS VARIÁVEIS
QUE COMANDAM A INTERAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Católica de Pelotas como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras. Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof^a. Dra. Fabiane Villela Marroni

PELOTAS, RS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P995s Py, Lorena Oliveira
Um salão de beleza na fronteira Brasil-Uruguai: a mudança do código linguístico na fala do fronteiro e as variáveis que comandam a interação.
/ – Pelotas: UCPEL, 2017.
73 f.
Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Mestrado em Letras, Pelotas, BR-RS, 2017. Orientadora: Fabiane Villela Marroni.

1. código linguístico. 2. sujeito fronteiro. 3. bilinguismo. 4. Code switching.
I. Marroni, Fabiane Villela, or. II. Título.

CDD 400

LORENA OLIVEIRA PY

**UM SALÃO DE BELEZA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: A MUDANÇA
DO CÓDIGO LINGUÍSTICO NA FALA DO FRONTEIRIÇO E AS VARIÁVEIS
QUE COMANDAM A INTERAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Católica de Pelotas como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras. Área de concentração: Linguística Aplicada

Aprovada em: Pelotas, 19 dezembro 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Fabiane Villela Marroni – Orientadora

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Prof. Dr. Daniel de Moraes Botelho

Para o professor Hilário I. Bohn, com amor.

Treis

*“Noum sei como será nas terrasivilisada,
masein Artigas
viven los que tienen apeyido,
los se ninguéim,
como eu,
semo da frontera,
neim daqui neim dali,
no es nosso u suelo que pisamo
neim a língua que falemo.”*

Fabián Severo (2010, p.25)

RESUMO

O objetivo desse trabalho de dissertação é verificar as motivações e os contextos em que há a mudança de código linguístico na fala do sujeito fronteiriço. Também buscamos identificar as situações interacionais em que acontecem essa mudança, como, quando e onde assim como a verificação do grau de bilinguismo dos participantes do estudo, de acordo com a representação do falante com relação a sua própria competência. Afim de cumprir com nossos objetivos, observamos o local em que a pesquisa foi desenvolvida: um salão de beleza situado na cidade de Santana do Livramento (BR) e que faz fronteira com a cidade de Rivera (UY). Além da observação, uma aplicação de entrevista semiestruturada aberta foi desenvolvida como percurso metodológico empregado junto a 3 funcionárias fronteiriças, a partir de participação voluntária, do salão de beleza. Para a realização desta pesquisa, trazemos para o ensejo as concepções de alguns teóricos, como Bakhtin, pois nos ajuda a entender o movimento dialógico e os encadeamentos discursivos realizados no interior do diálogo, e Canclini que introduz as relações culturais que se criam a partir da interação, de processos de trocas, de negociação e de diferenciação inter e intracultural. Mais ainda, dialogamos com vários autores, entre eles Grosjean, que define que bilíngues são indivíduos que utilizam duas ou mais línguas ou dialetos no seu dia a dia, e Mozzilo, que conceitua o que seria o *code switching*. Perguntávamos se a alternância no código linguístico fronteiriço se dava de forma consciente ou inconsciente, bem como se estava relacionada com problemas de lealdade a sua própria cultura ou ao ambiente enunciativo. Nesse sentido, compreendemos que o que conta realmente para a mudança é a motivação e não o contexto e que o ambiente é favorável para que cada indivíduo explore potencialidades para a transmissão da inteculturalidade.

Palavras-chave: código linguístico; sujeito fronteiriço; bilinguismo; *code switching*.

RESÚMEN

El objetivo de ese trabajo de disertación es verificar las motivaciones y los contextos en que hay el cambio de código lingüístico en el habla del sujeto fronterizo. También buscamos verificar las situaciones internacionales en que ocurre ese cambio, como, cuando y donde así como la verificación del grado de bilingüismo de los participantes del estudio, de acuerdo con la representación del hablante con relación a su propia competencia. A fin de cumplir con nuestros objetivos, observamos el local en que la investigación fue desarrollada: una peluquería ubicado en la ciudad de Santana do Livramento (BRA) y que hace frontera con la ciudad de Rivera (UY). Además de la observación, una aplicación de entrevista semi-estructurada abierta fue desarrollada como recorrido metodológico empleado junto a 3 operarias fronterizas, a partir de participación voluntaria, de la peluquería. Para la realización de esta investigación, traemos para la oportunidad las concepciones de algunos teóricos, como Bakhtin, pues nos ayuda a entender el movimiento dialógico y los encadenamientos discursivos realizados en el interior del diálogo, y Canclini que introduce las relaciones culturales que se crean a partir de la interacción, de procesos de cambios, de negociación y de diferenciación inter e intracultural. Pero aún, charlamos con varios autores, entre ellos Grosjean, que define que bilingües son individuos que utilizan dos o más lenguas o dialectos en su día a día, y Mozzilo, que conceptúa lo que sería el *code switching*. Preguntábamos se la alternancia en el código lingüístico fronterizo se daba de forma consciente o inconsciente, así como se estaba relacionada con problemas de lealtad, su propia cultura o al ambiente enunciativo. En ese sentido, comprendemos que lo que cuenta realmente para el cambio es la motivación y no el contexto y que el ambiente es favorable para que cada individuo explore potencialidades para la transmisión de la interculturalidad.

Palabras-clave: código lingüístico; sujeto fronterizo; bilingüismo; *code switching*.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa Faixa de fronteiras e Regiões Metropolitanas	33
Mapa 2 – O Tratado de Tordesilhas (1494).....	34
Mapa 3- – Fronteira Ente Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)	40

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Esquema para demonstrar como o bilíngue se utiliza da língua.....	27
Figura 2 - Tipos de code switching.	29
Figura 3 - Marco situado na praça Internacional que delimita as cidades.....	36
Figura 4 – Vista aérea da praça Internacional.	38
Figura 5- Fachada do estabelecimento	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1. O DIALOGISMO E A INTERAÇÃO	17
2.2 A INTERCULTURALIDADE.....	20
2.3 O BILINGUÍSMO.....	24
2.3.1 Estratégias linguísticas: código e <i>code switching</i>	26
2.4 A NOÇÃO DE FRONTEIRA E O CONTATO LINGUÍSTICO – SANTANA DO LIVRAMENTO E RIVERA	32
3 O ESPAÇO QUE INCLUI: O SALÃO DE BELEZA	39
3.1 O LOCAL DA PESQUISA	39
3.2 A ENTREVISTA.....	43
3.3 OMÉTODO	47
3.3.1 Participantes	47
3.3.2 Critérios de seleção das participantes.....	47
3.3.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....	48
4. A ANÁLISE – O QUE ELES FALAM DE NÓS E O QUE FALAMOS DELES	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS	63

1 INTRODUÇÃO

Ao retomar e refletir minha própria história, como foi minha infância, quem e quais foram meus incentivadores e minhas maiores referências, onde foi que vivi e fui criada, as escolas que passei, a cultura que sempre me cercou e que, de certa forma, era tão comum pra mim, fez com que eu chegasse até o tema desta pesquisa. E sou uma privilegiada. Sim, uma privilegiada!

Nasci brasileira, na cidade de Santana do Livramento, e sempre vivi aí, saindo, somente, aos 17 anos para estudar. Santana do Livramento é uma cidade de, em média, 83 mil habitantes, situada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Quando menciono a palavra “fronteira” já é possível entender que a diversidade cultural vivida naquele lugar é muito peculiar. Rivera, cidade vizinha e “irmã” a Livramento, se localiza, por sua vez, ao norte do Uruguai e está dividida por uma “linha imaginária” que constitui a fronteira seca. O que seria uma fronteira seca? Sendo mais breve e objetiva, a fronteira seca é o marco divisório entre dois países, sem a presença de nenhum tipo de rio ou mesmo algum lago.

Com 11 anos de idade, comecei a estudar na cidade vizinha. Na verdade, explico melhor; não fui para uma escola de ensino básico uruguaia, pois já estava no 4º ano de uma escola pública brasileira. O curso que iniciei foi língua estrangeira, inglês, no Uruguai. Para muitos isso pode até aparecer um tanto complexo, mas para mim foi algo natural, mesmo que minha língua materna não fosse a mesma. Recordo-me que todas as professoras que tive ao longo dos 7 anos em que frequentei o curso faziam questão de falar em inglês ou, se fosse necessário, a língua espanhola. Por isso, era quase que obrigatório aprender tanto o inglês, como o espanhol – e isso acontecia com pelo menos a metade dos alunos que lá estudavam, e nem sempre todos tinham a mesma facilidade com a língua “irmã”. Mas, para isso, volto ainda mais atrás...

Meu contato com a língua espanhola se deu muito antes de iniciar meus estudos na escola acima citada. Retrocedendo mais e reflexionando sobre, recordo-me de uma brincadeira que fazia junto a uma prima em que ela só poderia falar em português e eu em espanhol. Para nós, crianças, isso era fantástico e ajudou, sem querer, a formar quem sou hoje e o quanto essa língua está presente em mim. Sim, isso porque, minha família paterna é uruguaia e não, não vivem ou são da cidade de Rivera e tampouco de outra cidade fronteira. São do interior do Uruguai, de uma cidade bem pequenina, chamada

Lascano, em que se pode considerar o espanhol mais “fechado”, já que não há o contato entre as línguas ou mesmo uma terceira língua como presente aqui. Lembro-me de passar minhas férias nessa cidade, com pouco mais de 7 mil habitantes, e mesmo que as crianças não falassem o mesmo idioma que eu, nos entendíamos perfeitamente e as trocas culturais aconteciam constantemente.

Depois desse breve relato de uma parte de minha vida, e ao iniciar a reflexão com relação ao tema da minha dissertação, no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, revivo o que até hoje está totalmente presente em mim, na minha família, nas minhas escolhas: a fronteira e o estar entre duas línguas diariamente. Lembro que minha primeira formação não é Letras e tampouco uma licenciatura; as escolhas eram muitas e essa não foi uma primeira opção para mim. Com o passar dos anos percebi que não havia feito a escolha mais correta naquele momento e resolvi retornar aos estudos. Por isso, ao fim desse ano, terminarei além da pós-graduação, também a licenciatura em Letras-Espanhol, para assim me realizar profissionalmente.

Iniciar a dissertação é um desafio um tanto penoso principalmente quando se pensa no tema e na sua trajetória teórica. Partiremos de uma abordagem discursiva, levando em conta a questão da cultura, a interculturalidade, tão presente nas fronteiras. O bilinguismo e a alternância entre diferentes línguas por meio de um interlocutor também farão parte desta pesquisa.

Essa combinação teórica torna-se necessária para discutirmos relativamente a fronteira e, por não ser um movimento habitual para mim, acaba sendo uma oportunidade de me destituir, me encoraja e manifesta-se por diversos caminhos, para os quais possivelmente não estaria há pouco totalmente preparada.

Atualmente, vivendo novamente em minha cidade natal e experienciando o cruzar das línguas que lá circulam e que de certa forma afetam os falantes e a cultura peculiar desse lugar, me leva a pensar na necessidade de ver de perto como aqueles sujeitos se comunicam entre eles e que formam o que a fronteira Santana do Livramento/Rivera é hoje. Essa ambição em querer descobrir, inquirir e quem sabe contribuir de certa forma com pesquisas ligadas a esse assunto, a mudança do código linguístico na fala do fronteiriço, é o que me move nesta pesquisa. Claro que além da pesquisa em si, existe uma pessoa por detrás que, como já explanado, vivenciou e vive essa realidade de dois códigos linguísticos serem proferidos concomitantemente e com a maior naturalidade sem ter pensado anteriormente que isso é muitíssimo peculiar desse lugar. É a partir de todos

esses estímulos e impulsos que elaboro este trabalho, trazendo à tona aquilo que me constitui como estudante, profissional e indivíduo fronteiriço.

Ao estabelecer a pesquisa por estudos que abordassem assuntos semelhantes a estes me deparei com alguns que têm se dedicado a abordar a fronteira no âmbito da Linguística, sobretudo a questão identitária fronteiriça; as relações entre os povos, entre os mais diversos assuntos, retratando um discurso que leva ao quão particular é estar inserido nesse universo de fronteira, o que também direciona a escrita deste trabalho. Dessa forma, esta investigação partiu, tendo como objetivo geral, verificar como se constrói as motivações e os contextos em que há mudança de código linguístico na fala do sujeito fronteiriço considerando o espaço de fronteira entre Brasil e Uruguai, nas cidades de Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY). Para isso, será considerado e analisado, como objeto de estudo, a linguagem utilizada por funcionárias de um centro de estética e beleza (que aqui chamarei de salão de beleza) situado na cidade de Santana do Livramento, fronteira com a cidade de Rivera, no Uruguai.

Partiremos, como parte do percurso metodológico, de uma observação dentro do local de nossa pesquisa – o salão de beleza – que tem como finalidade obter determinada informação sobre aspectos da realidade. Rúdio (2002) reforça que o termo observação possui um sentido ainda mais amplo, pois não trata apenas de ver senão de examinar sendo um dos meios mais frequentes para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos. A utilização da observação neste estudo se dá pela necessidade de identificar, primeiramente, como realmente acontece a utilização de duas línguas em um mesmo espaço por indivíduos bilíngues. Posteriormente, a aplicação de uma entrevista semi-estruturada aberta, contribuiu na obtenção dos dados que, por fim, respondiam nossos objetivos. Os dados foram coletados por um período de 1 mês e gravados por meio de um aplicativo para *smartphones*. Para a análise destes dados, partiremos de uma abordagem discursiva que conduz ao movimento dialógico e aos encadeamentos discursivos realizados no interior do diálogo, de acordo com Bakhtin (1997; 2003). Já no que se refere à questão cultural, traremos à tona os trabalhos de Canclini (2008). Como base principal da pesquisa, trazemos também como suporte teórico, juntamente com Bahktin, alguns autores que, acredita-se aqui, nos ajudam a compreender ainda mais as questões relacionadas ao bilinguismo e a alternância entre diferentes línguas por meio de um interlocutor, o *code switching*: Grosjean (1982), Gumperz (1972; 1982), Poplack (1980) e Mozillo (2009).

A compreensão da dinâmica dessa mudança de códigos e do próprio sujeito fronteiriço, permite desenvolver uma reflexão crítica sobre o encontro de línguas e de como os sujeitos sobrevivem, se comportam e se representam nesse ambiente, enriquecendo assim a discussão sobre as representações da linguagem na fronteira. Ressaltamos que o tema do bilinguismo desperta há algum tempo especial interesse dos linguístas já que os mesmos procuram de certa forma desvendar os processos aquisicionais da linguagem por indivíduos que convivem em ambientes de bilinguismo. Existem inúmeras razões para se estudar o bilinguismo, tanto em crianças como em adultos, sendo essas razões tanto de cunho pessoal como social, assim como de ordem cultural como psicológica.

Como já descrito, o objetivo geral deste estudo é verificar as motivações e os contextos em que há mudança de código linguístico na fala do sujeito fronteiriço; os específicos são:

- identificar as situações interacionais em que acontecem a mudança de código: como, quando, onde;
- verificar as situações enunciativas que motivam a mudança de código;
- verificar o grau de bilinguismo das participantes do estudo, de acordo com a representação que o falante faz de sua competência comunicativa na língua escolhida para a comunicação, e para dar base à análise que se realizou, parte do referencial bibliográfico que orientou a discussão teórica como a análise e a interpretação dos dados.

Portanto, teóricos como Bakhtin (2003), Canclini (2008), Domingo (2015) e Mozzillo (2002, 2009) foram alguns dos autores que orientaram nosso trabalho. Por outro lado, os dados para a análise veem da observação da linguagem utilizada por um grupo de funcionárias que trabalham no salão de beleza na fronteira Livramento (BR) e Rivera (Uruguai). As referidas funcionárias são todas bilíngues e o salão é frequentado tanto por clientes uruguaias como brasileiras e a mudança de código linguístico é, portanto, uma constante entre funcionárias como entre os clientes. O citado centro de estética cedeu antecipadamente o ambiente para que fosse desenvolvida a pesquisa e o mesmo foi escolhido por se tratar de um local fronteiriço em que há trabalhadoras e clientes de ambos os países, o que é enriquecedor e a fonte para este estudo qualitativo.

Finalizando e retomando, a questão da “mistura” de culturas fronteiriças sempre foi de grande interesse e relevância para mim. As cidades de Rivera e Santana do Livramento, além da identificação com a pesquisadora, foram escolhidas para a pesquisa

devido às suas características sociais e históricas, onde é possível encontrar um ambiente linguístico, interações que vão desde o português padrão até o espanhol padrão, criando-se pontes entre essas variedades. Devido a esses contextos há a alternância de códigos utilizados pelos fronteiriços, códigos que são característicos dessa região. Questiona-se se essa alternância no código linguístico fronteiriço é consciente ou inconsciente, se está relacionada com problemas de lealdade a sua própria cultura e/ou ao ambiente enunciativo. Essa pesquisa, portanto, tenta responder esses questionamentos a partir de uma observação bem como um questionário de caráter qualitativo semi-aberto.

Os próximos capítulos estão estruturados da seguinte forma: referencial teórico, seguindo do capítulo que aborda o local onde a pesquisa foi desenvolvida, a análise, e por fim as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

“...uma mistura de português e espanhol, mas não é nem português nem espanhol e resulta com frequência ininteligível tanto para os brasileiros quanto para os uruguaios. Este dialeto é de base portuguesa, hispanizada.”

(RONA, 1965, p.7)

Esta investigação tem, em primeiro lugar, como embasamento lingüístico o dialogismo de Bakhtin (2003) que se fundamenta em um processo de criação coletiva, uma conversa entre o “eu” e o “outro”. Desse modo, a linguagem baseia-se na interação com o outro, sendo de natureza social, constituindo-se no diálogo e em aspectos ideológicos. Também será utilizado Canclini (2008) para entendermos o conceito de cultura.

2.1. O DIALOGISMO E A INTERAÇÃO

As tentativas de traduzir a complexa relação dos seres humanos com a linguagem é cada vez mais nítida e recorrente. Inúmeras são as pesquisas neste âmbito, pois há um interesse especial nas produções verbais em meios específicos.

Por muito tempo, a Linguística, como campo de conhecimento e pesquisa, preocupou-se, principalmente, no estudo de áreas como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. A partir da expansão da pesquisa nessas áreas, cresce então a necessidade não só daquilo que é interior a linguagem, mas sim daquilo que é exterior a todo o sistema lingüístico, como, por exemplo, o seu uso e como a mesma funciona se utilizando de conhecimentos produzido por as mais diversas áreas do saber. É este uso, essa interação que nos preocupamos investigar nesta pesquisa.

Bakhtin vê a linguagem como uma união entre o eu e o outro instituindo assim, o seu caráter dialógico, em uma perspectiva de enunciação “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2003, p. 37).

Dessa forma, a visão Bakhtiniana ressalta que a linguagem, como sistema de signos, é um fenômeno ideológico que de certa forma assume as conveniências do homem, assumindo a ideologia.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Ao explicar sobre a utilização da língua, Bakhtin atenta aos gêneros como estruturas relativamente estáveis, construídos socialmente e reconhecidos pelos interlocutores. Percebe-se que o texto é definido por Bakhtin como um enunciado a partir de dois fatores: a sua intenção e sua execução (BAKHTIN, 2003). O autor explica que uma palavra, assim como uma oração pura e simples, não demanda ato comunicativo podendo ser retirada de um contexto e deixando de ser precisa; vigora como elemento, não como um todo. A partir do momento em que uma oração torna-se um enunciado, em uma situação discursiva, torna a representar a intenção do falante. Contudo, as palavras são definidas consoante com as especificidades do gênero discursivo, uma forma típica do enunciado:

A oração enquanto tal, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta; adquire essa propriedade (mais exatamente: participa dela) apenas no todo de um enunciado. A oração que se torna enunciado completo adquire novas qualidades e particularidades que não pertencem à oração, mas ao enunciado, que não expressam a natureza da oração, mas do enunciado e que, achando-se associadas à oração, completam-na até torná-la um enunciado completo. (...) As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua — palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997, p. 297).

Como nos comunicamos através de enunciações próprias Bakhtin julga que a palavra não é dotada somente de expressão típica e sim individual, sendo a diferença entre enunciado, palavra e oração o endereçamento, para onde vão cada um, eximindo-se de qualquer tipo de relação com o dizer do outro.

Com a presunção da comunicação social e sendo a unidade real de um discurso, o enunciado, que pode ser escrito ou falado, tem a interação como principal objetivo, pois um receptor cumpre uma ação responsiva conseguindo discutir, concordar ou discordar, direcionar de forma ativa no ato enunciativo, aguardando uma resposta.

Bakhtin evidencia que é esta a principal atitude e característica do enunciado sendo que, além disso, também a respeito da interação verbal, que é sempre presente principalmente quando se tem o diálogo: os indivíduos ficam em interação em todos os casos de comunicação verbal. Nessa perspectiva, Bakhtin reforça que “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (2003, p. 279).

Vale enfatizar que a interação, como princípio constituinte da linguagem, sempre acontece entre interlocutores. Constitui-se, aí, o princípio da dialogia entre indivíduos socialmente organizados. Tem-se, assim, o processo da enunciação que se materializa no enunciado e materialidade que será a base deste estudo. É uma relação que constrói sentido ao texto e aos próprios sujeitos. Assim tem-se a enunciação como o resultado dessa interação entre indivíduos socialmente organizados, visto que:

O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado (BAKHTIN, 2003, p. 326).

Miotello (2008) discorre que a construção da enunciação se dá uma vez que as palavras conduzem consigo a memória social, dado que foram tecidas por uma multidão de fios ideológicos que, por vezes se contradizem, uma vez que perpassaram e se firmaram os campos das relações e dos conflitos sociais.

Pensando que o sujeito falante acaba de alguma forma sendo influenciado pelo meio ao qual está inserido, considera-se que a ideologia, neste caso, está ligada a um tema que acaba sendo sempre muito atual na representação de uma sociedade e até mesmo do mundo. Essa representação se dá a partir das interações e das trocas simbólicas concebidas por grupos sociais organizados. As relações, portanto, se compõem no sistema ideológico, que constituirá o determinado grupo. Esperamos que as observações e as entrevistas com os sujeitos da pesquisa possam fornecer as motivações e os contextos em que realizam as mudanças de código.

É possível inferir que a uma das características mais importantes da língua é que a mesma tem a propriedade de ser dialógica, já que os textos são construídos a partir de

uma interação, tanto na escrita como na leitura. Bakhtin (2003) afirma que para que se possa construir um discurso próprio, o interlocutor primeiramente se apropria do discurso alheio, similar ou próximo e só a partir daí consegue construir seu próprio discurso, produzindo um movimento dialógico.

Quando se pensa em linguagem e no próprio dialogismo bakhtiniano, é impossível deixar de lado o processo de aquisição da linguagem. Uma criança adquire e apreende determinada língua, pois está exposta a meios em que a comunicação e a linguagem verbal está totalmente presente. Deste modo, a produção verbal se dá gradativamente, em meio a necessidades, materializando-se em textos e organizada por gêneros. Esta é uma situação claramente exposta e que expressa o que para Bakhtin (1997) é a forma de viabilizar as produções verbais humanas.

A dialogia, pois, é inerente a todo discurso e, na medida em que diz respeito a vozes que antecederam à do enunciante e às que poderão sucedê-lo, explicita a dupla função da linguagem: não há enunciado que não exiba traços do produto histórico da atividade dos homens e que, objetivado, não possa servir de referência para que novos enunciados sejam construídos e nos quais se manifeste uma maior ou menor superação do que estava socialmente posto (VOESE, 2004, p.47)

Nesta pesquisa, parte-se de uma abordagem discursiva que leva em consideração os movimentos dialógicos e os encadeamentos discursivos realizados no interior do diálogo para teorizar a interação recorrente na mudança do código linguístico quando se pensa em um sujeito fronteiriço. A partir da interação dialógica, da transferência de ideologia e conseqüentemente da reavaliação do modo de pensar e agir do ser humano, por entre a linguagem, é que se fundamenta o sujeito fronteiriço.

2.2 A INTERCULTURALIDADE

Os debates em torno da interculturalidade faz com que os indivíduos passem a pensar a respeito de grupos distintos que, por diversos motivos, acabam se relacionando entre si e levando consigo seus aspectos culturais e também identitários. Este é um conceito que pode ser esclarecido como as relações que culturas distintas constituem entre si ao longo da interação em um método de alteridade, ou seja, qualifica-se como um processo de trocas, de negociação (as vezes até mesmo conflituosas) e de diferenciação inter e intracultural (quando se dá dentro da própria cultura). Há estudos que remetem ao

termo interculturalidade, porém, neste há a referência a teóricos que abordam o conceito dentro de uma realidade geográfica e de fronteira.

Conforme Spencer-Oatey e Franklin (2009), para que consigamos definir o que é cultura teremos uma tarefa bastante difícil. Segundo a autora e o autor, ao final dos anos 1990 havia mais de 164 definições para o termo, sem nenhum acordo sobre sua natureza (SPENCER-OATEY e FRANKLIN, 2009). Algumas definições estão ligadas ao evolucionismo social, arraigadas no imaginário coletivo. Na língua portuguesa, o vocábulo cultura tem muitos significados para sua definição, desde seu sentido empregado na biologia, entendido como o meio unido ao material cultivado, como na sociologia que constitui um sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma determinada sociedade¹. Para uma definição mais pontual, para entendermos a cultura e a interculturalidade na fronteira, apontamos a seguinte definição:

[...] conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem. Em um sentido mais restrito, compreende-se, sob o termo de cultura, o conjunto de formas da vida espiritual da sociedade, que nascem e se desenvolvem à base do modo de produção dos bens materiais historicamente determinados. Assim, entende-se por cultura o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução, na ciência, na literatura, na arte, na filosofia, na moral, etc., e as instruções correspondentes (SODRÉ, 1999, p.4).

Por este conceito de cultura evidencia-se que o desenvolvimento da humanidade possui como herança um gigantesco e variado acervo cultural, tornando-se uma preocupação permanente o entendimento dos caminhos que levaram às relações presentes e suas perspectivas de um futuro. Não existe nível, não é possível comparar cultura e classificá-la como superior ou inferior, alta ou baixa. A cultura não deve ser entendida e vista como um fenômeno estático nem mesmo como único, já que revela-se como um conjunto de características de uma dada sociedade que estão constantemente em evolução, uma identidade cultural em permanente transformação. Por isso, Arantes (2010, p. 34) afirma que:

[...] interpretar significados das culturas implica em reconstruir, em sua totalidade, o modo com os grupos se representam, as relações sociais que os

¹Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 23 out 2017.

definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas suas relações com os outros grupos e com a natureza nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo [...].

Alguns estudos relatam que existem duas definições para a Antropologia no âmbito das Ciências Sociais quando se fala em cultura. Um deles, segundo Doria (1999), trata da antropologia física, estudando a memória interna da espécie humana nas interações destes com o meio ambiente. A outra é a antropologia cultural, que estuda a herança incorpórea, ou seja, a memória externa, que também interage com o meio ambiente. À antropologia cultural, caberia estudar então os sistemas simbólicos que se produz, transmitidos e reproduzidos através dos indivíduos.

O Brasil é um país bastante interessante para os estudos de cultura. De acordo com Gontijo (2004), os negros, quando vindos para o Brasil, trouxeram consigo códigos e experiências culturais de diversas regiões geográficas do território africano, assim como os portugueses, que trouxeram os costumes dos católicos apostólicos romanos, e misturaram-se no território brasileiro com as peculiaridades de outros povos, como holandeses católicos e protestantes e franceses católicos. Essas culturas hibridizaram-se, nas palavras de Canclini (2001), com os diversos costumes dos povos indígenas locais. A cultura é um processo dinâmico, localizado nos espaços discursivos entre os indivíduos: “isto é, a língua é ao mesmo tempo repositório da cultura e uma ferramenta com a qual a cultura é criada” (HALL, 2012, p.17). Assim como Hall, Risager (2006, p.6, *apud* Silva, 2007, p.6), corrobora com o significado de cultura quando afirma que:

As línguas se difundem através das culturas e as culturas se difundem através das línguas. As práticas linguísticas e as práticas culturais mudam e se difundem por meio de redes sociais ao longo de rotas parcialmente diferentes, principalmente as de padrões transnacionais de migração e mercados.

Nestor G. Canclini (2008) é um dos estudiosos que se empenhou muito aos estudos da interculturalidade. Segundo o autor, um povo organiza uma riqueza cultural que se compreende ao conjunto de bens materiais e imateriais fundamentados historicamente e que se refere às identidades e às memórias coletivas. Assim, pode-se refletir que para a permanência de uma interculturalidade, é fundamental entender que um grupo cultural se constrói a partir da relação, a partir da “negociação, conflito e de empréstimos recíprocos”. Nesse ponto de vista, pode-se afirmar que uma relação intercultural é um componente significativo às modificações e às novas configurações culturais de todos os grupos humanos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a interculturalidade remete a confrontação e ao entrelaçamento, é uma condição da sociedade atual de modo que em diferentes escalas e níveis de ação os sujeitos estão realizando práticas interculturais, mesmo que de forma inconsciente. Ele ainda destaca que é intercultural quando os grupos buscam relações e trocas e que exige a interação não admitindo bairrismos, nacionalismos ou qualquer tipo de restrição. A interculturalidade torna-se, por meio de muitos estudos, um conceito que está no centro quando se quer analisar uma sociedade, já que em distintas esferas da vida humana, se está vivenciando situações interculturais de comutações e interação com outras culturas.

[...] o que tratamos de ver atualmente [...] é como se reelabora interculturalmente o sentido [de cultura]. Não só dentro de uma etnia nem sequer dentro de uma nação, mas em circuitos globais, *superando fronteiras*, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas e fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de *repertórios culturais* diferentes [...] (CANCLINI, 2008, p, 43)

Nesta perspectiva é possível, portanto, inferir que a interculturalidade representa, de certo modo, não somente um reconhecimento da diversidade cultural de uma sociedade, mas também, a promoção de relações humanas entre grupos culturais, arquitetando moldes de pensar as relações do eu e do mundo. Neste sentido, entende-se aqui, que os processos de trocas permitem a identificação bem como a ressignificação de identidades que os sujeitos adquirem ao longo da vida.

Hipotetiza-se, portanto, que o conceito de interculturalidade irá auxiliar na compreensão das relações, trocas, cotidiano entre brasileiros e uruguaios quando pensamos na “fronteira da paz²” Santana do Livramento e Rivera, que mesmo com diversidades culturais muito nítidas, se relacionam entre si e compartilham linguagens, valores, cultura e mesmo identidades criando uma fronteira singular dentro de uma perspectiva de que as culturas, como as línguas sempre se vertem de singularidades, irrepetibilidades que garantem a diferença nas identidades. A fronteira se caracteriza por deslocamentos, mas também de flexibilidades em que os fronteiriços vivem em um território híbrido e dinâmico.

² A Fronteira da Paz é um trecho da fronteira brasileiro-uruguaia, que abrange as cidades de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil). Este nome é resultado da cultura de integração surgida da convivência internacional pacífica de ambos povos. A fronteira entre as duas cidades é terrestre, estando elas unidas (e não separadas) por uma linha divisória imaginária através de extensas ruas, avenidas e estruturas limítrofes denominadas "marcos". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fronteira_da_Paz. Acesso em: 6 nov.2016.

2.3 O BILINGUÍSMO

Dá-se uma atenção especial neste trabalho ao bilinguismo, coexistência de dois sistemas linguísticos diferentes, de duas línguas proferidas por um mesmo falante ou mesmo por um grupo. Aliás, é importante frisar que o indivíduo bilíngue não é aquele que fala duas línguas com habilidade de um falante nativo. Isto excluiria a grande maioria dos bilíngues. Portanto, entendemos e ressaltamos aqui que nas comunidades fronteiriças é consensual a presença de um bilinguismo social nos centros urbanos, onde a maioria da população usa ambos os idiomas na vida diária. Destacamos que em situações sociolinguísticas como as de Santana do Livramento e Rivera, o bilinguismo pode ocorrer entre as mais diversas situações, sendo que uma delas terá maior desenvolvimento em nosso estudo.

Uma das situações mais pertinentes quando se pensa em bilinguismo na fronteira é aquela em que uma criança adquire, por influência familiar e/ou social, duas línguas maternas. Esta interação é relativamente recorrente na contemporaneidade, seja pela locomoção das famílias de uma etnia/ país à outra, ou pela estrutura familiar em que pai e mãe falam duas línguas distintas. No caso desta pesquisa, esta situação acontece ao pensar na fronteira e é muito recorrente devido ao pai ser uruguaio e a mãe brasileira, por exemplo. Também evidenciamos aqui, a questão do bilinguismo em situações de imposição do meio em que o sujeito está inserido, como é o caso fronteiriço. Neste contexto, o bilinguismo se sobressai já que é recorrente os casos de estudantes brasileiros estudando em escolas uruguaias e vice e versa, ou de indivíduos que trabalham no país vizinho. Grosjean (1982) considera que o indivíduo bilíngue é aquele que emprega dois ou mais idiomas em seu dia a dia não como fluência, mas nas diferentes formas da língua nas práticas discursivas.

Referindo a fronteira como um local onde ser bilíngue é cotidiano, Weinreich (1953, p.68) pondera a favor de um bilinguismo *coordenado, composto e subordinado*:

No bilinguismo coordenado, os sinais linguísticos de ambas as línguas são mantidos separados, de modo que ocorre o domínio de dois sistemas linguísticos. No bilinguismo composto, as estruturas sonoras das línguas são mantidas separadamente, mas não os significados. Ao falar uma língua, o bilíngue composto pode empregar as estruturas da outra. No bilinguismo subordinado, a segunda língua é estruturada com base na primeira.

A possibilidade de bilíngue se altera no percurso de vida dos indivíduos e evidencia distintos contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as

línguas. Heye (2003) afirma que a coexistência de duas línguas, num determinado espaço social, deve ser analisada de acordo com os diferentes contornos de bilinguismo, que é definido nos diferentes momentos de vida dos indivíduos bilíngues. Estes estágios são estabelecidos pelas funções de uso das línguas em contextos diferentes (familiar, social, escolar e profissional). Por isso, podemos considerar que o bilinguismo é a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentado de uso de duas línguas.

Analisando que o bilinguismo é uma forma dinâmica, uma vez que seus estágios podem ser avaliados como procedimentos situacionalmente espontâneos e naturais, pode-se articular que a manifestação está diretamente relacionada às necessidades comunicativas apresentadas pelos diferentes contextos. Isso porque em dados momentos, como justificam Salgado e Dias (2010, p.145), a combinação de códigos mostra-se favorável e bem-sucedida para que sejam alcançados os objetivos comunicacionais pretendidos. Além disso, a comunicação bilíngue permite ao interlocutor um diálogo com pessoas com bagagem cultural, língua, e experiências distintas. Cada língua carrega consigo não só um número expressivo de regras, senão tradições, interpretações e comportamentos.

Neste contexto Sánchez (2002) corrobora que:

A linha entre os Estados do Brasil e do Uruguai parece converter-se num lugar que permite nascer em um país e estudar em outro, [...] Um lugar onde as famílias têm integrantes de ambas as nacionalidades, [...] Um lugar que transforma os países do Brasil e do Uruguai em palavras familiares como “cá” e “lá” ou “deste lado” e “do outro lado”, porque os países estão pertos um do outro, vivem-se cotidianamente [...] (SÁNCHEZ, 2002, p. 60).

O contato linguístico entre o português sul rio-grandense e o espanhol norte uruguaio em Santana do Livramento e Rivera é consequência de lutas e também de domínios territoriais e conflitos militares que serão vistos mais a frente. Durante muitos anos todo o norte do Uruguai ficou tomado por portugueses e, posteriormente, por brasileiros. Fato este que nos ajuda a compreender por certo um maior domínio do português por parte dos uruguaio do que vice e versa.

Neste sentido, o objetivo aqui analisado, no caso, possibilitará verificar situações que são recorrentes no uso de ambos idiomas (português e espanhol) na fronteira Livramento e Rivera, o acesso em interações sociais, o que possibilita em certos contextos, o uso concomitante das línguas intercaladamente com os mesmo interlocutores

nos mesmos domínios sociais, dentro da mesma conversa e muitas e muitas vezes dentro da mesma oração que o interlocutor está proferindo em casos de alternância de códigos.

2.3.1 Estratégias linguísticas: código e *code switching*

Ao introduzir a pesquisa acerca da alternância de códigos, para nossa surpresa, encontramos um número expressivo de estudos sobre o assunto. Um dos pilares de estudo pertinentes da sociolinguística, portanto é essa alternância, ou *code switching*. Grosjean (1982, p.145) define a alternância de códigos linguísticos como “o uso alternado de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação conversacional”. Inicialmente, definiu-se esse fenômeno como interferência na interação em um contexto absoluto que prevalecia o estudo de um sistema como um todo (WEINREICH, 1953), mas foi a partir dos anos de 1970 que o fenômeno virou ponto de destaque em muitos estudos tendo como ponta pé inicial a publicação de *BLOM & GUMPERZ* (1972). John Gumperz como, portanto, um dos precursores dos estudos sobre *code switching*, definiu o fenômeno como “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos” (GUMPERZ, 1982, p.59).

Grosjean (1982) sustenta que todo o indivíduo bilíngue opta, num primeiro momento, qual deverá ser a língua que dará base a interação e que será utilizada quando o interlocutor é também detentor de suas línguas. Em segundo lugar, o bilíngue se utilizará do *code switching*.

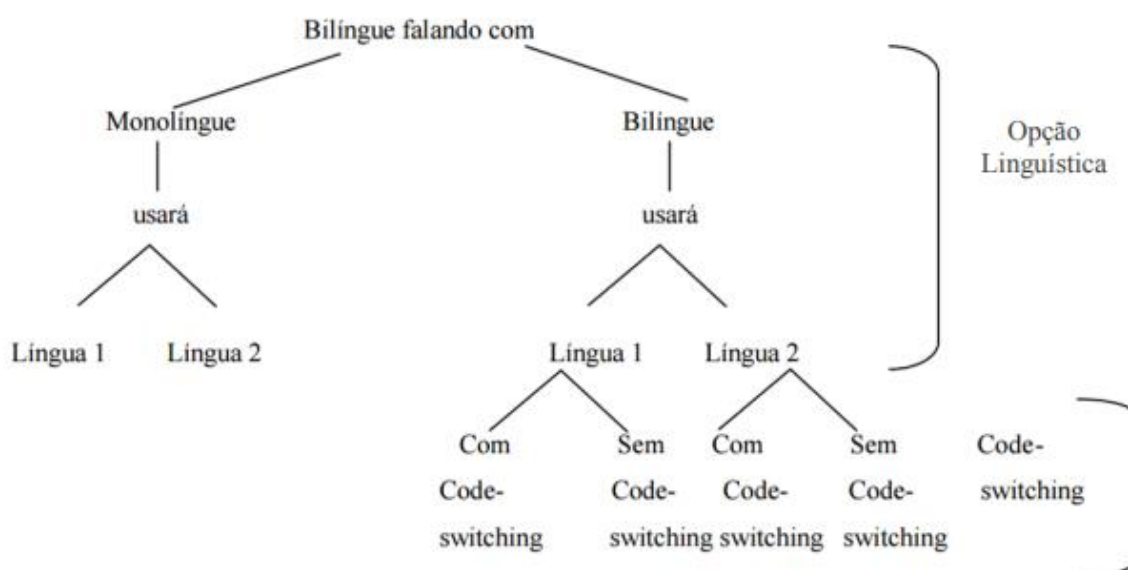


Figura 1- Esquema para demonstrar como o bilíngue se utiliza da língua.

Adaptado de Grosjean (1982, p.129).

Nessa perspectiva, falantes bilíngues fazem uma seleção a longo da conversação dando importância naquilo que for vantagem ou mesmo desvantagem de uma e da outra língua que dominam, presumem quais serão as consequências da opção linguística que irão determinar e efetivam o *code switching* quando identificam que utilizando mais de um idioma, poderão conquistar maiores recompensas comunicativas.

Shana Poplack (1980) publica um estudo sugestivamente intitulado *Sometimes I'll start a sentence in english y termino en español: toward a typology of code-switching*. Neste estudo a autora analisou o caso da alternância de códigos linguísticos em comunidades nativas da língua espanhola que imigraram para o oeste e costa atlântica dos Estados Unidos. A análise assegura que aquele bilíngue que recorre em seu cotidiano do uso alternado de línguas adquire uma dupla competência e que esta, nos casos da pesquisa, vai aumentando.

Lembrando que inicialmente pensou-se que alterar códigos linguísticos era apenas uma interferência, sendo a mesma um cruzamento involuntário entre línguas e denotando que é uma aquisição incompleta de uma língua. Com as inúmeras pesquisas já desenvolvidas no assunto podemos alegar que a alternância é consciente, as palavras ou os conjuntos de palavras obedecem regras linguísticas de cada uma das línguas e cada um dos falantes sabe distinguir os códigos na utilização de um discurso.

Ressaltamos, primeiramente, que o uso de uma ou de outra língua por esses indivíduos bilíngues depende, na sua maioria, da preferência e história individual de cada um, e também é o resultado tanto de fatores sociais, culturais, quanto educacionais. Ainda neste sentido, o *code switching* relaciona-se diretamente com as preferências e competências dos participantes.

Ao pressupor a liberdade dos falantes individuais, apresenta-se como um dispositivo empregado de forma criativa pelos bilíngues. Romaine (1989), diz que toda a comunidade de fala bilíngue, alterna os códigos linguísticos durante a comunicação e que o *code switching* é a parte central da comunicação entre os indivíduos bilíngues.

Para Franceschini (1998, p.51) “A utilização de diferentes línguas ou variedades linguísticas no curso de uma mesma interação baseia-se em mecanismos internos à conversação observáveis em vários contextos sociais em todo o mundo”. O autor faz essa

afirmativa referindo-se a mudança dos códigos linguísticos na interação, como no caso dos fronteiriços.

Neste contexto, o fenômeno da utilização de diferentes línguas pode ocorrer, por exemplo, em famílias imigrantes que se tornam bilíngues, em membros de comunidades compostas por falantes de uma minoria linguística, ou por indivíduos de países em que se adota uma língua franca diferente de sua língua materna, entre outros.

A alternância de códigos tem sido observada não como o resultado de uma deficiência linguística, mas sim como uma habilidade inerente aos indivíduos bilíngues de descobrir, examinar e entender as capacidades estilísticas em ambos os códigos. Os interlocutores monolíngues, em geral, dominam algumas variantes da língua que falam e devem eleger uma variante em particular sempre que decidem iniciar uma conversa. Como exemplo, um sujeito que vai participar de uma seleção de emprego deve utilizar um estilo mais formal, pois para ele deve ser muito importante o emprego em questão. No âmbito familiar geralmente utilizamos uma linguagem mais informal. Já um falante bilíngue, muitas vezes alterna as duas línguas, as variantes, os códigos e ainda misturá-los na interação, o resultado são enunciados híbridos, complexos e heterogêneos e o processo é intitulado *code switching*.

Apesar de que existam inúmeras classificações para o *code switching* em nossa literatura e pesquisas, uma das mais inclusivas é a de Dabéne & Morre (1995). É interessante, pois as autoras classificam os diferentes tipos de *code switching* utilizados por falantes bilíngues, em três. São eles: Intra-sentencial, intersentencial e por fim entre enunciados.

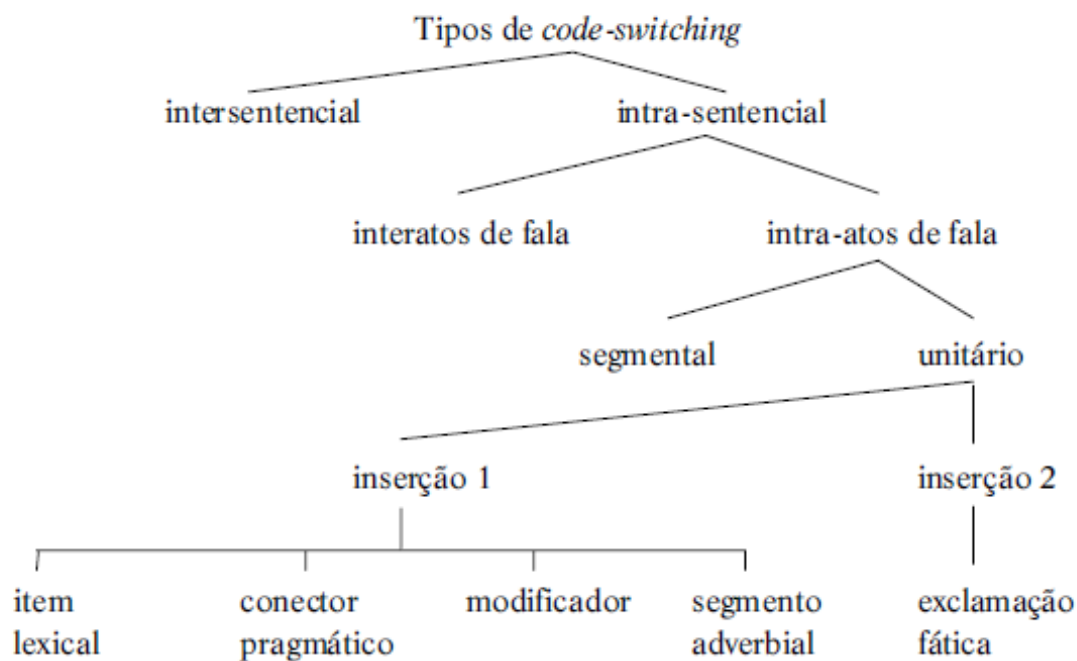


Figura 2 - Tipos de *code switching*.

Adaptado de Dabéne & Morre (1995)

Mozzilo (2009) explica que o tipo intra-sentencial desenrola-se dentro de uma mesma sentença em que o interlocutor elabora a alternância entre os dois sistemas de que se dispõe constituindo algumas inserções, tanto sob a forma unitária (apenas um elemento da frase é afetado), quanto sob a forma segmental (segmentos de uma língua se alternam com partes da outra dentro da mesma frase concordando que ambas possam sejam inalteradas).

O caso mais frequente é o da inserção no discurso de palavra de outra língua. Tal inserção pode ocorrer com perfeita adaptação à estrutura e à pronúncia da língua na qual se desenrola a conversação, porém, contrariamente, o item ou o segmento podem não sofrer nenhuma espécie de adaptação à língua de base, sendo pronunciados exatamente como no original (MOZILLO, 2009, p. 189).

A ocorrência que se dá com maior frequência é a da implantação, em um discurso, de palavras de outra língua, ou seja, a ocorrência em uma estrutura e uma pronúncia da língua, com perfeita adaptação, da língua que se desenrola a interação. Porém, ao invés disso, o elemento pode não experimentar nenhuma espécie de adaptação à língua materna, tendo como pronúncia exatamente o original.

Mozzilo (2009) traz em seu estudo alguns exemplos que conseguem elucidar ainda mais o que se está tratando como intra-sentencial. No exemplo a seguir (1) há um enunciado sem adaptação à língua materna, ou, como a própria autora chama, língua de base.

(1) Creo que voy a preparar un poquito de **mingau**.

O exemplo que Mozzilo (2009, p.189) traz é um enunciado que foi elaborado em língua espanhola, porém com uma inserção de item lexical em português que teve também sua pronúncia nesta mesma língua. Para que todo o enunciado se desse em espanhol, era necessário que a última palavra, mingau, que está em português, fosse modificada para *papilla* que é o seu correspondente. A autora (2009, p.189) ainda exemplifica que “papila pode não ter a mesma força comunicativa” e supõe em seu estudo que se “o falante é argentino, falando espanhol com uma criança brasileira bilíngue a quem não costuma alimentar, pretenda, mediante a alternância linguística, persuadi-la a comer algo que ela esteja acostumada a comer com os familiares brasileiros”.

Já no caso do tipo de *code switching* intersentencial resulta quando as duas línguas acabam se intercalando dentro de um mesmo tópico de conversação. Vejamos o exemplo (2):

(2) A: Não vejo a hora de terminar este trabalho...

B: E aí, pra onde pensas ir quando tiveres terminado tudo?

A: **¡Me voy a Buenos Aires por una semana a descansar!**

Este é um caso em que uma sentença foi produzida em determinada língua, neste caso o português, e seguidamente vem outro turno do mesmo falante na outra língua. Mozzilo (2009, p.190) declara que no diálogo acima “dois bilíngues conversam em português até o momento em que há a referência a um local onde se fala espanhol determina a alternância”.

O *code-switching* entre enunciados consiste em que, depois de algum tempo empregando determinada língua, os indivíduos passam a empregar a outra língua e vice-versa:

O *code-switching* entre enunciados implica alternar para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira. Ocorre no curso de um mesmo diálogo, quando a primeira frase pronunciada na língua de base da interação encontra-se relativamente distante da primeira frase pronunciada no outro sistema (MOZILLO, 2009 p.190).

Para ilustrarmos, segue abaixo um exemplo (3) do que seria, portanto, o *code switching* entre enunciados.

- (3) A: ¡Me pareció muy buena la comida!
B: A mí también me encantó todo y los precios no son demasiado caros.
A: Bueno, creo que podemos volver siempre, ¿no te parece?
B: Sí, por supuesto, volvemos el fin de semana que viene.
A: **Olha o guardador ali. Tens alguma moeda?**
B: **Não sei, acho que sim, vou ver aqui na carteira.**
A: **Dá um real pro cara.**
B: **Certo.**

Este exemplo (3) trata-se da interação entre dois bilíngues que, saindo de um restaurante, falam em língua espanhola no determinado ambiente brasileiro. No momento que o referido guardador de carros se aproxima a alternância de códigos se faz presente.

Grosjean (2010) elenca e acredita que existem razões conscientes para que o bilíngue utilize na interação a alternância nos códigos linguísticos. São elas:

- a) suprir uma necessidade de vocabulário: os bilíngues explicam o fato de alternarem entre códigos por não encontrarem uma palavra ou expressão apropriada;
- b) continuar a conversa na última língua empregada: uma palavra diferente daquela em que a interação estava sendo conduzida geralmente propicia a continuação do discurso nessa língua;
- c) citar alguém;
- d) especificar o interlocutor;
- e) qualificar a mensagem: ampliar ou enfatizar um determinado ponto de vista, tornando-a mais ampla ou dando-lhe ênfase;
- f) marcar a identidade com o grupo, demonstrando solidariedade: a troca para a língua minoritária pode sinalizar solidariedade ao grupo;
- g) transmitir intimidade, fúria, aborrecimento;
- h) excluir alguém da conversa: ao utilizar uma das línguas desconhecidas a um dos participantes, o falante o exclui da interação;
- i) modificar o papel do falante, aumentando seu status ou outorgando-lhe maior autoridade:

j) personalizar a mensagem, especificando o envolvimento do falante;

Nas regiões de fronteira, mais especificamente as fronteiras secas, onde a interação dos povos se dá mais habitualmente, a alternância pode servir a várias funções discursivas, como, por exemplo, para mostrar solidariedade, aproximação, domínio linguístico nos dois códigos... Nas comunidades bilíngues do Sul do Brasil, oeste do Rio Grande do Sul e norte do Uruguai, vários casos entre o português e o espanhol também respondem a necessidades discursivas. Nesse sentido, para este estudo, consideraremos a definição de *code switching* proposta acima, qualificando o fenômeno como uma alternância de códigos que não se circunscreve aos aspectos estruturais da língua, mas que é, antes de tudo, socialmente motivada.

2.4 A NOÇÃO DE FRONTEIRA E O CONTATO LINGUÍSTICO – SANTANA DO LIVRAMENTO E RIVERA

Quando se fala em pontos de contato e línguas, é quase que inevitável que se pense em fronteira. Logicamente, nem sempre os pontos de contato entre línguas se dão somente na fronteira, porém é na fronteira que este contato é mais frequente produzindo aí uma identidade própria. Do ponto de vista histórico, o território brasileiro, como visto hoje, fez parte de um processo de conquistas de mais de quatro séculos. Foi um longo período e assim novas regiões foram incorporadas ao território sob o impacto de entradas e ciclos econômicos dando início neste processo das regiões de fronteira mais especificamente Livramento e Rivera.

Para que se inicie a pesquisa, precisa-se definir o que seria fronteira. Do ponto de vista geográfico, urbano, pode-se dizer que a palavra fronteira dá a noção de movimento, de lugar que se encontram múltiplos elementos, diferentemente do que se tem por definição o conceito de limite. Limite, do latim “*limis-tis*”, já é uma noção artificial, é aquela linha invisível que delimita locais, regiões, territórios e que de certa forma, e no caso das fronteiras é muito pertinente, pois também separa os povos, suas culturas, línguas e política. Aliás, politicamente, o conceito limite foi reforçado como forma de reforço, soberania e controle sobre territórios que, todavia, não tinham estruturados seus estados. Portanto, historicamente as áreas de fronteiras foram construídas a partir de disputas, batalhas, conflitos com personagens e acordos que em geral são fortes referentes.

O Brasil, maior país em extensão/dimensão da América Latina, limita-se com diversos países, sendo muitas vezes em áreas urbanas, nas quais a movimentação da vida e da sociedade acontece de maneira bastante intensa e peculiar, mesmo que pareçam lugares muito semelhantes.

Ressalta-se aqui que os países que fazem fronteira com o Brasil são: Guiana Francesa (fronteira totalmente com o Amapá), Suriname (fronteira com Pará e Amapá), Guiana (fronteira com o Pará e Roraima), Venezuela (fronteira com Roraima e Amazonas), Colômbia (fronteira totalmente com o estado do Amazonas), Peru (fronteira com Amazonas e Acre), Bolívia (fronteira com os estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), Paraguai (fronteira com o Mato Grosso do Sul e Paraná), Argentina (fronteira com os estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Uruguai (fronteira totalmente com o estado do Rio Grande do Sul)³.

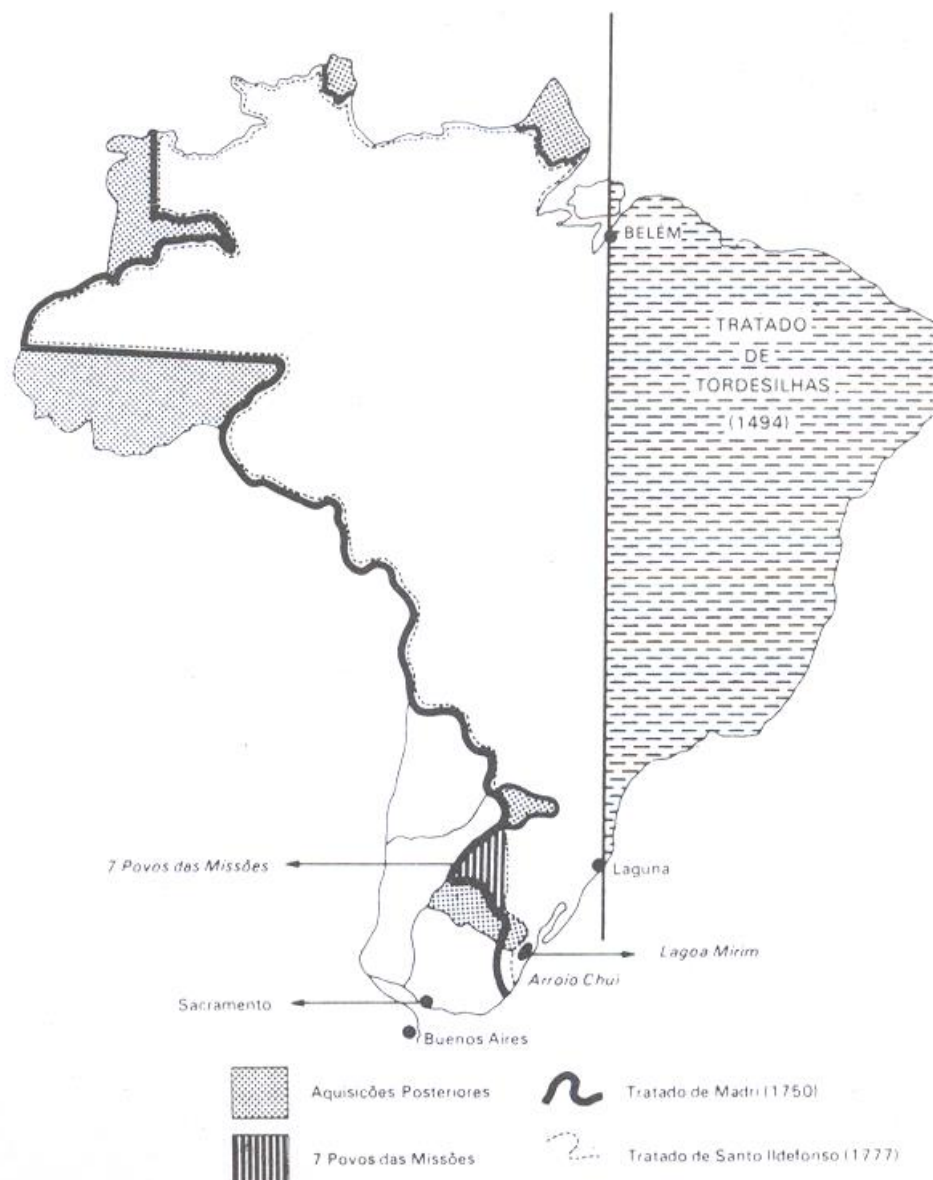


Mapa 1 - Mapa Faixa de fronteiras e Regiões Metropolitanas

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia.

³ Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/fronteiras-brasileiras-os-limites-do-nosso-territorio.htm>. Acesso em: 3 set.2016.

Faz-se aqui um recorte espacial a fim de delimitar a pesquisa: a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, mais precisamente as cidades de Santana do Livramento (BR) /Rivera (ROU). Devemos pensar preliminarmente e historicamente o que hoje denominamos de território brasileiro, pois o mesmo se estruturou após séculos de batalhas e conquistas que mais tarde deram o início a novas regiões como o tratado assinado por Portugal e Espanha em 1494 que dividia a América em duas potencias a partir desse acordo que visava resolver conflitos relativos às terras e os conflitos sobre os direitos de colonização do Novo Mundo, o Tratado de Tordesilhas.



Mapa 2 - O Tratado de Tordesilhas (1494).

Fonte: Matos & Nunes, 2000.

Este foi um tratado celebrado pelos povos portugueses e espanhóis que tinham como propósito dividir terras descobertas e ainda aquelas que estavam por vir a ser descobertas. A linha que pertenceria a Portugal percorreria as cidades de Belém do Pará, ao norte, e a cidade de Laguna em Santa Catarina, ao sul. Mesmo com essa delimitação, no período colonial, portugueses a ultrapassavam por diversos motivos, seja em busca de ouro ou mesmo pastagem para o gado.

Séculos depois, em torno do ano de 1700, já temos o mapa do Brasil muito semelhante com o que é hoje, apesar disso, a região sul e a Amazônia ainda não haviam sido incorporadas totalmente. Portugal chega ao rio da Prata constituindo, acerca de Buenos Aires, a Colônia do Santíssimo Sacramento, despertando o interesse espanhol que reivindicaram com ataques e a ocupação deste lugar e, mais tarde a fundação dos Sete Povos das Missões. Foram com esses acontecimentos que iniciam a discussão, por parte das coroas portuguesas e espanholas, das fronteiras entre colônias.

Em 1855 inicia-se a delimitação onde hoje encontramos as cidades de Santana do Livramento e Rivera, visto que neste lugar o que existia era somente um povoado brasileiro. Os uruguaiois começam a construção de outro pequeno povoado somente sete anos depois e que fica estabelecido bem em frente a cidade brasileira. Primitivamente chamou-se o povoado de *Ceballos* (homenagem ao vice rei espanhol Pedro Ceballos) e mais tarde Rivera, homenageando o General Fructuoso Rivera.

Mesmo que inicialmente fora criada a fronteira com fins militares, hoje Livramento e Rivera são o verdadeiro exemplo de uma cultura fronteiriça, o que a diferencia cada vez mais da missão original. A *Fronteira da Paz*, como mencionado, é o símbolo de uma relação fraternal que se estende a uma convivência pacífica dando abertura para inúmeros laços matrimoniais entre brasileiros e uruguaiois, festejos comuns e compartilhados como o carnaval e até mesmo cultural, como por exemplo o jornal local que se chama *A Platéia*, que é escrito em português e espanhol e circula em ambas cidades.



.Figura 3 - Marco situado na praça Internacional que delimita as cidades.

Fonte: <http://mapio.net/pic/p-47465751/>

Embora a convivência pacífica, harmoniosa e rica culturalmente, existe uma identidade peculiar que envolve a cidade brasileira e a cidade uruguaia. A influência portuguesa e a espanhola, desde os períodos do descobrimento, da conquista e da colonização latino – americana, deixaram como memórias a língua, um elemento que marca a identidade social de um grupo específico. Mesmo a língua sendo esse elemento que distingue socialmente um povo de outro ela também pode ser considerada componente para uma auto-afirmação que traz um sentimento de inclusão, de pertencimento àquele lugar marcando as características culturais comuns.

Ainda com relação à linguagem devemos entender que, na fronteira, se desenvolve uma língua bastante peculiar, o portunhol. Sturza (2017, p. 95) define o portunhol como:

É a *mezcla* não apenas como resultado de um contato intenso e contínuo do português com o espanhol, mas uma língua de fronteira. Língua essa escolhida pelos falantes para dizer sobre quem são no mundo; língua que os identifica como sujeitos de um lugar muito particular. Como língua de contato, o Portunhol é a língua dos fronteirizos, não tem gramática estável. No entanto, é fluído e usado como língua de comunicação imediata e, especialmente, tomando-se uma perspectiva enunciativa, uma escolha política do falante que busca produzir efeitos de sentido, considera sua relação com o interlocutor, seja ele um falante de espanhol, um falante de português ou um falante de Portunhol/língua de fronteira.

Para Hall (2006, p.49)

[...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional,

ou seja, a identidade não nasce com o sujeito e nem faz parte da natureza essencial, mas é formada e transforma-se a partir de uma representação.

Santana do Livramento e Rivera se compõem mesmo com suas peculiaridades e identidades nacionais. Aqui nos referimos uma lealdade coletiva, mas territorialmente determinada. Lembrando ainda com a questão da demarcação das fronteiras, a extensão do limite fronteiriço entre Brasil e Uruguai é de 1.003 km. Sete (7) pares de centros povoados se localizam ao longo do limite, sendo três junto a um limite hidrográfico e quatro são fronteiras secas com somente uma rua separando ou mesmo unindo essas cidades. Com diferente demografia, apesar dos elementos comuns da fronteira, porém são países que apresentam características diferentes e situações de integração e de interação presentes no cotidiano das populações. Além disso, a estrutura política e administrativa dos dois países é muito diferente e característica. Enquanto o Brasil é um dos países do continente com a soberania popular mais recente e menor institucionalização do sistema, o Uruguai é uma das democracias mais antigas e sistema político mais sólido. Além disso, descreve-se os níveis de integração no espaço fronteiriço, desde uma integração de fato, é possível identificar nos círculos do dia-a-dia, especificidades, que ocorrem por distintos níveis de integração formal, nem sempre de modo constante. A realidade espacial de relação e integração, determina um ambiente fronteiriço particular e singular, são verdadeiros territórios distintos de outros territórios nacionais com indicadores comuns que os dão sentido. Esse ambiente fronteiriço de inter-relações de questões profundamente históricas, de cotidianos que arquitetam o presente, resiste a obstáculos politicamente atribuídas às construções comuns e específicas. É dentro dessa completude sócio-cultural-linguística que se desenvolve este estudo.



Figura 4 – Vista aérea da praça Internacional.

Fonte: <https://www.viagensecaminhos.com/2014/03/santana-do-livramento-e-rivera.html>

3 O ESPAÇO QUE INCLUI: O SALÃO DE BELEZA

Como colocado na introdução deste trabalho, vamos analisar quais as motivações que levam indivíduos bilíngues fronteiriços a mudarem seus códigos linguísticos no ambiente de trabalho também situado na fronteira.

3.1 O LOCAL DA PESQUISA

Neste capítulo, vamos nos deter a explicar o local onde os sujeitos da pesquisa foram entrevistados, sendo este o lugar onde os mesmos trabalham e que se situa na cidade de Santana do Livramento. A partir de uma pesquisa, bem como de uma observação que realizamos desde o início deste trabalho, ressaltamos que, como cliente, frequentamos o ambiente para poder realizar esta pesquisa com o conhecimento e consentimento dos proprietários do local. Esta observação se deu em dias aleatórios, pois nosso objetivo inicial era entender como sujeitos fronteiriços utilizavam as línguas (português e espanhol) em um ambiente comercial na fronteira.

Evidenciamos novamente que o estudo foi desenvolvido na região de fronteira entre Brasil e Uruguai, mais precisamente na fronteira seca entre as cidades de Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY), lugares onde há o trânsito livre dos habitantes entre ambos países, propiciando um ambiente de contato linguístico, o que produz uma grande convergência de indivíduos bilíngues devido ao contato linguístico propiciado pela geografia, economia, história, cultura e política.

A particularidade das cidades que formam essa fronteira geográfica é singular, já que as mesmas possuem uma única unidade urbana – conjunção binacional - formam uma fronteira seca que não tem nenhum limite natural que as separam ou que demarquem a linha “imaginária” entre os países. Pode-se ressaltar que esse espaço geográfico contribui para a integração dos povos assim como para o desenvolvimento de uma linguagem ímpar do lugar. O cenário político e econômico auxiliou para o crescimento das localidades e também para aquilo que hoje vem ser o território de fronteira, não somente entre as cidades que aqui estão sendo descritas, mas também todas as fronteiras sul brasileiras e norte uruguaias, devido a vinda dos povos portugueses e espanhóis entre os séculos XVII e XVIII. A fronteira entre os dois países foi circunscrita com o reconhecimento em 27 de agosto de 1828 do Uruguai como país sul americano. Historicamente ressaltou-se aqui já

que esse contexto colaborou com o intercâmbio linguístico entre brasileiros e uruguaios, mesmo que com a delimitação do território, a população já havia desenvolvido um povo específico aos países em cultura e também nos idiomas.



Mapa 3- – Fronteira Entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)

Fonte: <http://4febil.blogspot.com.br/>

A partir da descrição histórica do contexto da região, considera-se que o ambiente elegido que atinge o espaço urbano entre as cidades de Santana do Livramento (BRA) e Rivera (ROU) constitui um ambiente propício e rico ao estudo sobre as variáveis que comandam a mudança do código linguístico na fala do fronteiriço.

Além disso, para que se possa delimitar ainda mais a pesquisa, selecionou-se um local de trabalho na cidade de Santana do Livramento, em que quase metade das profissionais são uruguaias e residem no país uruguaio. Há 16 anos no mercado santanense, o mesmo atua na área de estética e beleza unissex e será adotado justamente por essa diversidade tanto na cultura como na variação na linguagem.

O *Nuance Beauty Center* iniciou suas atividades na cidade no ano 2000 atuando, de início, no embelezamento de unhas e cabelos. Além disso, o local sempre foi o mesmo e com o passar dos anos foi aumentando tanto a quantidade de serviços como o tamanho do estabelecimento, dando mais conforto e possibilidades para todos seus clientes.

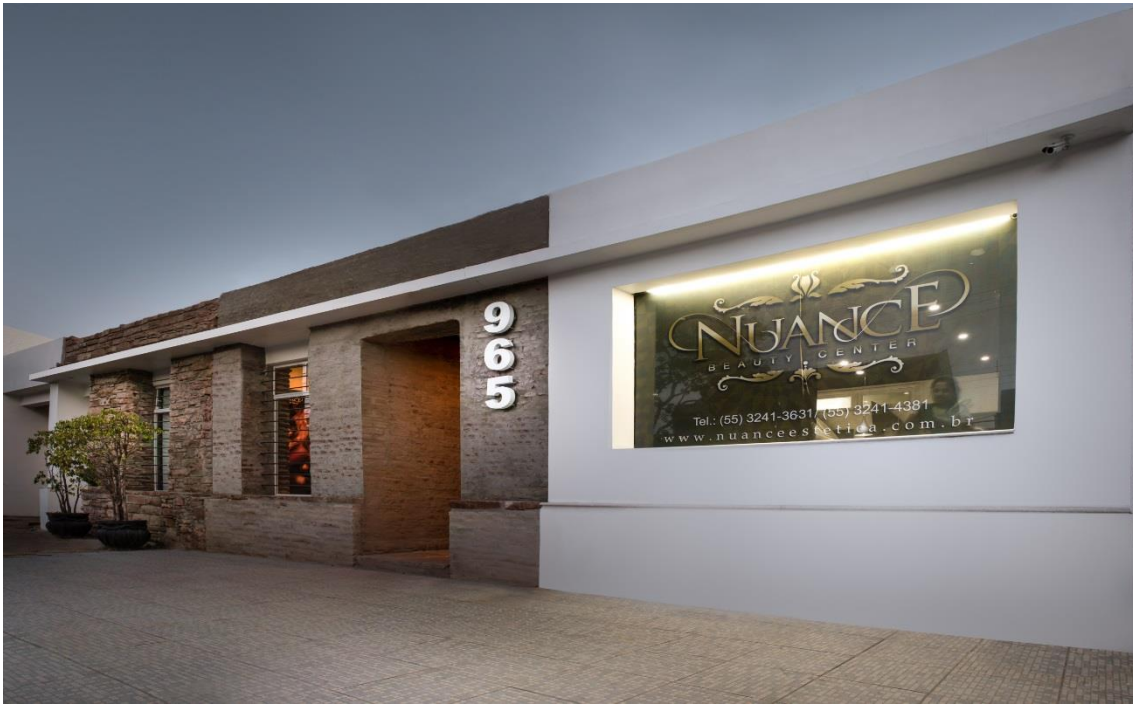


Figura 5- Fachada do estabelecimento

Fonte: <http://nuanceestetica.com.br/sobre-o-salao-de-beleza>

Entre os serviços mais conhecidos que o salão oferece, está a coloração, a tonalização, o alongamento capilar e a estética facial. Existem alguns pacotes que são ofertados para noivas, formandas e debutantes, em que vários dos serviços estão incluídos, deixando aquele dia ainda mais especial.

A missão do estabelecimento é *proporcionar beleza estética e bem estar aos clientes, com arte, tecnologia, inovação e desenvolvimento das pessoas*. Nesse sentido, um dos principais objetivos é levar mais autoestima a cada uma das pessoas que passam pelo local diariamente, com comprometimento, qualidade em produtos e serviços bem como profissionalismo e responsabilidade.

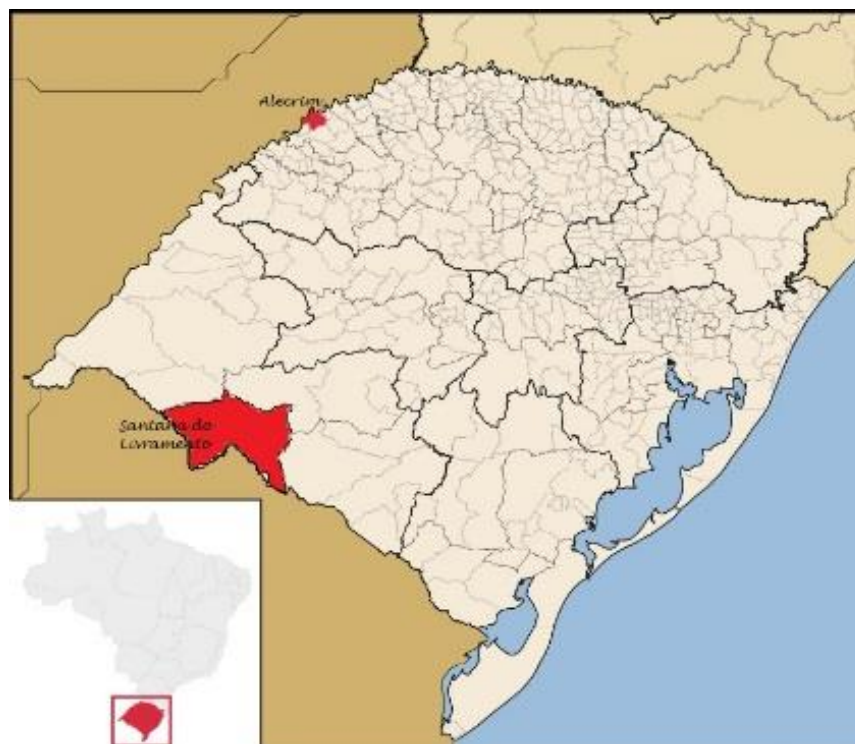
Levando em consideração que o estabelecimento situa-se em uma cidade que faz fronteira seca com outra, e que ambas fazem parte de países diferentes, acredito que por isso existem curiosidades muito peculiares que fazem parte do dia a dia do local. Atualmente, 12 profissionais trabalham no salão, nas mais diversas áreas, entre cabelos, unhas, maquiagem e no escritório. Destes 12 profissionais, 5 são nascidos no Uruguai e 4 na cidade de Rivera. Além disso, é constante a entrada e saída de clientes uruguaios o que torna o local multicultural e, de certa forma, bilíngue. O número de clientes atendidos por dia varia de acordo com vários fatores, como o tempo, o dia do mês e da semana.

Com relação à oralidade entre funcionárias e a mudança do código linguístico entre elas, posso, de início, destacar que, dentre as 5 funcionárias uruguaias, somente uma delas não utiliza o português em sua fala. Em momento algum, nem mesmo em respostas simples como o “sim” e “não” a língua portuguesa é proferida pela funcionária. Ela, que aqui chamarei de **sujeito 1**, em uma conversa informal que tivemos, comentou que tem preferência por usar somente sua língua materna em toda sua oralidade e o mais interessante é que não há dificuldade no entendimento do português, nem na língua formal, nem na linguagem informal como gírias, por exemplo.

Outra funcionária uruguiaia, que chamarei de **sujeito 2**, muda de códigos constantemente. Percebi que quando o **sujeito 2** se refere a duas colegas em especial, a mesma só utiliza o espanhol, porém com as demais colegas uruguaias há um intercâmbio constante de línguas, independente do assunto que está sendo tratado. Da mesma forma acontece com as clientes que o **sujeito 2** está atendendo. Noto que geralmente quando a cliente é brasileira, o **sujeito 2** utiliza o português na interação e poucas vezes o espanhol. Talvez alguma palavra específica, mas a maioria da conversa é totalmente em português.

O **sujeito 3**, assim como **sujeito 2**, muda constantemente de códigos. A diferença entre essa mudança é que não percebi a questão de referir a determinada colega em uma língua somente e sim um intercâmbio constante do início ao fim do expediente. O mesmo acontece com as clientes, sendo que, com as uruguaias, o **sujeito 3** utiliza o espanhol e com as brasileiras o português. Ressalto que em alguns casos e palavras específicas, o **sujeito 3** acaba utilizando a língua materna pois muitas vezes não “lembra” como dizer em português.

O que acontece com o **sujeito 4** é um pouco diferente. Brasileira, nascida e criada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul que não faz fronteira com Uruguai ou Argentina, aprendeu o espanhol após se casar e vir morar em Livramento. **Sujeito 4** é da cidade de Alecrim, noroeste do Rio Grande do Sul.



Mapa 4: Localização da cidade de Santana do Livramento e Alecrim

Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Notamos que a referida profissional comunica-se com as clientes uruguaias em espanhol, mas há uma certa dificuldade, uma mistura de idiomas que resulta em um terceiro idioma, com certa dificuldade – comportamento linguístico. Neste caso, o que mais pode ser percebido é que a mesma não faz o mesmo em conversas com suas colegas de trabalho e sim, somente com as clientes.

3.2 A ENTREVISTA

Ao querer entender como se comportam os sujeitos bilíngues na situação de uma fronteira, a partir de uma primeira observação, notou-se que riverenses e santanenses estão abertos e recíprocos em relação à língua do outro.

Ao coletar os dados para esta investigação, formulamos perguntas, questionário para entrevistar funcionárias do referido estabelecimento comercial situado em Santana do Livramento. É claro que nos faltam mais dados quantitativos capazes de elucidar o assunto. No entanto, a partir das respostas, já temos orientação necessária para as

variáveis que comandam a interação na fronteira. Eis as perguntas que contemplam nossa entrevista:

- 1) Você fala português/ espanhol?
- 2) Qual sua língua materna?
- 3) Quais as principais situações em que você acredita ser necessária a mudança de língua em seu local de trabalho?
- 4) Quais os principais desafios em se trabalhar em um local onde duas línguas (português e espanhol) estão presentes diariamente?
- 5) Há alguma situação que você prefira usar somente sua língua materna?
- 6) Você assiste televisão? Assiste canais uruguaios ou brasileiro? Porque?
- 7) Em casa, qual a língua predominante? Há mudança constante de línguas?
- 8) Na sua opinião, você fala melhor em português ou espanhol?
- 9) Antes de trabalhar aqui você utilizava o português/espanhol frequentemente?

Lembrando que as mesmas foram formuladas também em Língua Espanhola, caso fosse necessário para melhor entendimento dos participantes.

Quanto a primeira pergunta *“você fala português/espanhol?”*, queríamos averiguar se cada um dos participantes se considerava bilíngue. Diferente de ser, é considerar-se falante de ambas as línguas. Como na fronteira os sujeitos acreditam que existe uma terceira língua, o portunhol (mistura de português com espanhol), queríamos entender com essa primeira pergunta se cada participante sente-se dominante em ambas as línguas. Não adotamos aqui a palavra *bilíngue* por se tratar de um termo mais formal e específico e portanto usamos de uma maneira mais informal.

Na pergunta *“Qual sua língua materna?”*, a proposta era entender um pouco da história de cada participante e por isso uma pergunta mais abrangente. Esta foi uma questão para determinar onde cada uma das 4 participantes nasceu e se considera daquela nacionalidade.

A pergunta seguinte *“Quais as principais situações em que você acredita ser necessária a mudança de língua em seu local de trabalho?”*, nossa intenção era perceber como se dá a mudança de código linguístico dentro do ambiente de trabalho, que neste caso situa-se do lado brasileiro da fronteira. Como as participantes foram divididas entre brasileiras e uruguaias, queríamos entender se há um momento certo para que haja a mudança de código e se essa mudança é realmente consciente. Além disso, nossa intenção

aqui foi saber se, as informantes, quando estão interagindo com clientes da mesma nacionalidade, preferem o uso da língua materna ou se é indiferente para elas. As informantes, quando estavam sendo entrevistadas, ficaram a vontade para responder e por isso planejamos uma entrevista aberta para enriquecer ainda mais a pesquisa.

A quarta pergunta *Quais os principais desafios em se trabalhar em um local onde duas línguas (português e espanhol) estão presentes diariamente?*, assim como a pergunta anterior, tem a intenção de descobrir se o uso de determinada língua na interação dentro do ambiente de trabalho era intencional/consciente ou inconscientemente havia a troca de códigos linguísticos durante a fala com determinado indivíduo. Queríamos entender se, no caso das brasileiras, havia dificuldades, desafios, em trabalhar em uma ambiente em que há a mudança de códigos linguísticos constantemente já que muitas colegas são uruguaias bem como clientes e no caso das uruguaias se havia dificuldades e desafios em se trabalhar em um ambiente situado no Brasil, em que os donos são brasileiros (e boa parte dos clientes também). Nossa proposta com essa pergunta era que a resposta fluísse, descobrindo quais estímulos diários provocavam a mudança de código.

Há alguma situação que você prefira usar somente sua língua materna?. Esta questão, mais pontual, teve, como propósito, compreender em que momento as informantes julgam necessário mudar o código linguístico que estão utilizando na comunicação. Esta pergunta partiu de algumas hipóteses que foram especuladas antes mesmo de formular as questões destas entrevistas. A hipótese 1 se deu a partir da observação das conversas no ambiente pesquisado. Percebi, como pesquisadora, que a mudança de código linguístico se dava de acordo com o assunto que estava sendo tratado. Por exemplo, quando o assunto era mais íntimo, entre as funcionárias do estabelecimento, notei que a língua materna de cada uma dominava a interação, mesmo se o interlocutor não fosse falante da mesma língua. Já a hipótese 2 foi observada quando havia a interação entre profissional e cliente. Observei aqui que quando a cliente era brasileira, fala-se somente em português, salvo alguma palavra muito específica que necessitava o espanhol para explicar. O mesmo acontecia quando a cliente era uruguaia, sobressaindo então o espanhol em toda a interação.

A pergunta de número seis (6) tem o desejo de descobrir o porquê da mudança de códigos linguísticos a partir do ambiente familiar de cada uma das informantes. *Você assiste televisão? Assiste canais uruguaios ou brasileiros? Porque?* Assim como a pergunta anterior, algumas hipóteses ajudaram na formulação desta questão. A primeira

hipótese manifestou-se pela variedade de canais brasileiros que podem ser assistidos no Uruguai.

Ressalto ainda que emissoras como Rede Globo e Rede Record, por exemplo, fazem parte dos canais abertos que estão disponíveis na programação das televisões uruguaias e, portanto, poderiam ajudar na resposta da pergunta em questão. Além disso, posso dizer que a variedade na programação diária das emissoras brasileiras é maior que a variedade das emissoras uruguaias, um fato a se mencionar é que quando uma novela das emissoras brasileiras termina sua trama e de ser transmitida no Brasil, os canais uruguaios⁴ “compram” seus direitos e passam a transmitir em suas emissoras justamente com a dublagem feita em língua espanhola. Isto porque eles não produzem suas próprias telenovelas. Esta pergunta tinha o intuito de revelar se a televisão, no caso da fronteira, influencia na aprendizagem da segunda língua, no caso do Uruguai, na aprendizagem do português e no caso do Brasil, na aprendizagem do espanhol. Lembrando que as emissoras uruguaias não fazem parte da programação aberta no Brasil, o que torna mais difícil o acesso direto.

Em casa, qual a língua predominante? Há mudança constante de línguas? Esta foi uma questão estruturada para investigar se a mudança diária e natural do código linguístico acontece somente no ambiente de trabalho de cada uma das informantes ou se essa prática já acontecia habitualmente em casa e só teve continuidade no momento em que iniciou o trabalho nesse espaço diversificado de falantes.

A oitava pergunta tinha o interesse em saber como cada uma das informantes se reconhecia como falante das línguas português e espanhol, deixando livre para que cada uma relatasse o porquê da sua resposta. *Na sua opinião, você fala melhor em português ou espanhol?*

Finalmente, a última pergunta da nossa entrevista, *Antes de trabalhar aqui você utilizava o português/espanhol frequentemente?* Pensando novamente na questão familiar, na mudança de códigos linguísticos como um processo que se desenvolve desde a infância até hoje no grupo familiar, esta foi uma pergunta além do ambiente profissional. Queríamos saber se trabalhar no estabelecimento comercial que analisamos foi crucial para o desenvolvimento e aprendizagem da segunda língua ou se isso já estava ligado a

⁴Um exemplo disso pode ser visto ao acessar <http://www.canal10.com.uy/>. Atualmente duas novelas da Rede Record de televisão estão sendo transmitidas na emissora: *Josue La tierra prometida* (Terra prometida – início da transmissão no Brasil em 5 de julho de 2017 e término em 13 de março de 2017) e *Moisés y los diez mandamentos* (Os dez mandamentos – início da transmissão no Brasil em 23 março de 2015 e término em 23 de novembro do mesmo ano).

formação da família desde muito cedo. Lembro que na fronteira Santana do Livramento e Rivera, que é nosso ambiente de estudo, é muito comum casais de ambas as nacionalidades, o que faz com que o ambiente familiar seja híbrido e bilíngue.

3.3 OMÉTODO

Nesta seção são expostos os procedimentos metodológicos para atender aos objetivos propostos. Aqui, dividimos em três subseções. São elas: 3.3.1 Participantes da pesquisa; 3.3.2 Critérios de seleção dos sujeitos participantes da pesquisa; 3.3.3 Instrumento de coleta de dados.

3.3.1 Participantes

As participantes do estudo serão divididas em dois grupos, considerando a nacionalidade de cada uma delas, isto é, o local de nascimento, bem como a cidade em que residem atualmente. Os grupos ainda serão subdivididos em função da linguagem adotada no ambiente de trabalho das participantes, a partir de uma das observações da pesquisadora. Trabalhou-se com uma amostra de 3 participantes, sendo que duas brasileiras bilíngues e duas uruguaias bilíngues. A participação foi voluntária, por meio de convite formulado pela pesquisadora.

Os dados foram coletados dentro do local de trabalho das participantes, centro de estética e beleza (salão de beleza), localizado na cidade de Santana do Livramento. Este espaço foi gentilmente ofertado pelos gestores do mesmo para que se possa desenvolver a pesquisa pretendida.

3.3.2 Critérios de seleção das participantes

Primeiramente, a pesquisadora fez uma observação no local que foi escolhido e a partir dessa observação é que se fez a seleção das participantes. Como anteriormente estabelecido, foram quatro participantes, sendo duas brasileiras bilíngues e duas uruguaias também bilíngues. Levou-se em consideração a residência de cada participante, ou seja, brasileiras que residiam na cidade de Santana do Livramento e uruguaias residentes na cidade de Rivera.

Para tanto, na seleção das participantes, todos assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Informado*, expedido pelo *Comitê de Ética em Pesquisa*. O preenchimento desse documento se fez necessário já que possibilita aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação, para que a manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente.

3.3.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Os dados analisados nesse estudo foram coletados por um período determinado que foi estipulado junto às participantes no ambiente definido. A coleta se realizou por meio de observações e também com entrevistas individuais sobre suas histórias de bilíngues, suas motivações para a mudança de código e os contextos em que utilizam esta mudança na sua atividade profissional.

A observação, assim como outras modalidades de estudos qualitativos, se concretiza na coleta e na análise de dados primários empíricos. De acordo com Peruzzo (*in* DUARTE; BARROS, 2008), consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural em que ocorre determinado fenômeno e da interação com a situação que se pretende investigar. Portanto, esta é uma pesquisa em que a pesquisadora esteve presente no ambiente investigado. Isto implicou na presença constante da observadora, para “ver as coisas de dentro”. Além disso, a pesquisa também implicou no compartilhamento das atividades do grupo ou do contexto que foi averiguado, de forma consistente e sistematizada. Por isso, a investigadora acabou envolvendo-se nas atividades, além de co-vivenciar interesses e fatos. Esta é uma pesquisa em que a pesquisadora assumiu o papel do outro, conseguindo dessa forma, atingir o sentido de suas ações, e é justamente dessa maneira que se pretendeu inserir no ambiente na fronteira Brasil e Uruguai a ser investigado.

A entrevista por sua vez, é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Pode-se dizer que entre as principais peculiaridades dessa abordagem está na flexibilidade; pôde-se proporcionar ao informante e delimitar os termos da resposta e, ao entrevistador, adaptar-se livremente às perguntas. No caso do estudo em questão, preferiu-se utilizar a entrevista semi-aberta, embora existam mais dois tipos: a aberta e a fechada, ou não estruturada e estruturada. Sendo assim, a semi-aberta tem origem em um roteiro de questões guia que contribuem ao interesse da pesquisa, o

que foi pertinente a este estudo, para que se chegasse aos objetivos que foram propostos. “Parte de certos questionamentos básicos [...] e, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (DUARTE, 2008, p.66 *apud* TRIVIÑOS, 1990, p.146).

4. A ANÁLISE – O QUE ELES FALAM DE NÓS E O QUE FALAMOS DELES

Neste capítulo vamos descrever o que foi coletado a partir das entrevistas realizadas no salão de beleza Nuance com três (3) funcionárias fronteiriças. Chamamos as entrevistadas de sujeito 1, 2 e 3.

Ao que diz respeito a questão número 1 *Você fala português e espanhol?*, a resposta das três entrevistadas foi unânime, afirmando que sim, todas elas falam qualquer um dos idiomas. Sem maiores esclarecimentos, as entrevistadas foram pontuais em suas respostas logo no início da entrevista.

Como questão número 2, perguntei a cada uma das entrevistadas qual seria a língua materna. O **sujeito 1** e o **sujeito 2** afirmaram que a língua materna de ambas é a língua espanhola. Já o **sujeito 3** declara que a sua língua materna é o português. Lembramos aqui, que a língua materna em nossa concepção trata-se de uma definição a partir do fator identitário que carrega – a pessoa se identifica com a língua materna, e esta é uma parte que integra a formação do conhecimento de mundo de cada indivíduo, pois além da competência linguística, os indivíduos também adquirem valores pessoais e sociais. De acordo com Spinassé (2006, p.3),

a língua materna, u a primeira língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados a definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 [que é o caso deste espaço de estudo].

Com a intenção de perceber como acontece a mudança do código linguístico principalmente dentro do ambiente de trabalho, questionei de forma mais abrangente quais eram as situações em que cada uma das entrevistadas acreditava ser necessária essa mudança de códigos dentro do local de trabalho. O **sujeito 1** relatou que por se viver em uma região fronteiriça, ser bilíngue é uma facilidade e, porque não, uma aquisição cultural que facilita a interação com os diversos tipos de públicos que são recebidos diariamente no salão de beleza. O **sujeito 1** também afirma que clientes vindos das cidades de Tacuarembó e Montevideo têm clareza ao se comunicar e interagir com as profissionais que estão atendendo e conseguem solucionar os “problemas” aos quais buscam.

Nesta mesma questão, o **sujeito 2** reconhece que quando está em interação com outra pessoa da mesma nacionalidade, acaba sempre falando em espanhol, pois, segundo a mesma, é melhor para o entendimento de ambas, mesmo ressaltando que muitas das clientes que frequentam o local não são exclusivamente da cidade de Rivera, ainda dando ênfase que “*quem é de Rivera entende as duas línguas*” e “*a gente fala em português [com as brasileiras] porque elas têm dificuldade de entender o espanhol*”. Já o **sujeito 3**, ressaltando, brasileira, alega que as situações necessárias para a mudança de códigos são por se trabalhar com o público uruguaio que muitas vezes não entende o português e que por isso é fundamental essa troca. Aqui, de certa forma, temos uma contradição, uma vez que o **sujeito 2** alega que todos os Riverenses, e por consequência uruguaios, entendem ambas as línguas. O **sujeito 3** afirma que o público uruguaio muitas vezes não entende o português, porém podemos notar que o **sujeito 3**, nesse momento, parece generalizar o público ao qual se refere, não deixando claro que seria o público uruguaio e fronteiriço, nascido em Rivera, por exemplo.

Para se entender se de certa forma a mudança de códigos era intencional ou inconsciente, perguntei quais eram os desafios em se trabalhar em um local onde duas línguas permeavam diariamente. Segundo o **sujeito 1** é “*tranquilo*”. Acredita ser natural essa constante mudança e alguns poucos desafios acontecem quando alguma cliente quer algo muito específico e a sujeito 1 precisa passar para alguma colega que seja brasileira e que não tem muito conhecimento da língua espanhola. Assim como o **sujeito 1**, o **sujeito 2** acredita que não há desafios linguísticos em um local de trabalho fronteiriço. Para este sujeito é “*totalmente natural*”. Assim, como as duas primeiras entrevistadas, o **sujeito 3** também acredita que não existem dificuldades relacionadas a linguagem que influenciam o trabalhar na fronteira. Também é “*bem tranquila essa parte*”.

Relacionando situações diversas no ambiente de trabalho, gostaríamos de saber com a questão de número 5 se existia algum momento específico que cada uma das entrevistadas preferiria usar sua língua materna, no caso das duas primeiras o espanhol e a terceira o português. Sabemos que a utilização de uma língua que não a materna pode se definir a partir da necessidade de comunicação, de um processo de socialização e integração social para que se tenha um domínio por meio da comunicação diária. O **sujeito 1** afirmou que tem preferência no uso do espanhol quando interage com suas clientes uruguaias, pois, “*elas não entendem muito bem o português*”. Neste momento, questionei o fato de muitas clientes serem uruguaias da fronteira e que por isso poderiam entender o português. O **sujeito 1** respondeu que “*tanto faz*”, que sendo uruguaia

geralmente ela vai falar em espanhol. Nesta questão, o **sujeito 2** e **3** responderam em um primeiro momento relacionando com seus ambientes familiares, pois suas respectivas famílias moram, no caso do **sujeito 2** em Rivera e do **3** em Livramento. Reforcei a pergunta, ressaltando o ambiente de trabalho como espaço e a resposta de ambas é que é indiferente o uso das línguas e que falam um pouco de cada, misturando e alternando os códigos linguísticos constantemente.

Entendemos que a mistura que o **sujeito 2** mencionou se dá pelo fato da coexistência de línguas dentro do salão de beleza. Mozzilo (2009) afirma em seu estudo que alternar códigos antigamente era considerado parte do desempenho de um bilíngue imperfeito, pois não havia capacidade por parte do falante de abandonar uma língua ao proferir a outra, sendo um erro de desempenho não levando em conta que os falantes eram fluentes nas duas línguas. Neste caso o *code-switching* tem relação direta com as preferências e as competências dos participantes e que a partir da fala das entrevistadas deixa claro, pois pressupondo a liberdade dos falantes individuais este se apresenta como um dispositivo criativo empregado pelos bilíngues.

Quando questionadas se assistem televisão, os **sujeitos 1, 2 e 3** foram unânimes em responder que sim. Esta foi uma questão que poderia ser de simples resposta, mas que tinha como intuito entender a influência que esse veículo de comunicação poderia desempenhar na formação de um indivíduo bilíngue, uma vez que proporciona a inter-relação ente as pessoas. Ponso (2006) acentua que o bilinguismo se difere por funções a partir de funções externas e também internas. A televisão, segundo o autor, diz respeito a funcionalidades externas, lugares que ajudaram as línguas a serem adquiridas (em casa, na vizinhança, na escola ou nos livros).

Apoiada na questão anterior, aproveitei para questionar se os canais que as entrevistadas assistiam eram brasileiros ou uruguaios. Explico: gostaria de entender a influência da televisão sobre a urbanização e como fonte útil de modelo linguístico. **Sujeitos 1, 2 e 3** colocaram que a Rede Globo é o canal de televisão mais assistido, que é o que “*mais chama a atenção*”, mas que “*não tem um motivo especial*”. Porém, destaco que o **sujeito 1**, ao ser confrontada com esta questão, ressaltou que quando está na casa de sua mãe assiste canais uruguaios, jornais, para se atualizar e informar já que muitas vezes as notícias são diferentes entre Uruguai e Brasil. O **sujeito 2** enfatiza que os canais brasileiros foram “*praticamente uma escola [...] começa escutar desde pequenininha e isso vira uma coisa normal*”. A partir dessas respostas foi possível perceber a influência do português na região da fronteira Santana do Livramento e Rivera por diversos fatores,

tais como: hábitos linguísticos das práticas cotidianas e familiares, convivência maior do lado brasileiro e influência das mídias, como a televisão.

Quando questionadas qual a língua predominante em seus ambientes familiares, as respostas foram diferentes. O **sujeito 1** respondeu que somente o espanhol é falado em sua casa. Já o **sujeito 2** relata que falam o espanhol bem como o português e também o *portunhol*, que segundo a entrevistada é um “*dialeto que só aqui na fronteira tem*”. Sturza (2004, p.153) denomina o portunhol como sendo o resultado da mistura das línguas portuguesa e espanhola utilizada de modo geral pelos habitantes, exatamente como o **sujeito 2** salientou.

[...] o uso de um fenômeno linguístico pelos fronteiriços tem outra dimensão e explicação. O portunhol é uma prática linguística legítima que diz sobre a vida da fronteira, é uma língua veicular usada coloquialmente pelas pessoas que vivem nesta região, designado como um “hablar fronterizo”. Na visão interna de quem usa a língua, portunhol é uma língua sem erros, é a sua forma de falar, de se expressar, é um dos traços identitários que permite reconhecê-los como “gente da fronteira” (STURZA, 2004, p. 154).

Juntamente com essa definição, obtive como resposta da questão *qual a língua predominante em seu ambiente familiar* que o **sujeito 3** constantemente muda o código linguístico pois seu esposo é uruguaio, e por isso a comunicação se dá em espanhol e em português com sua família, pois todos são brasileiros. De acordo com Ramat (1995), a motivação para o uso de *code switching* é social e este tem a função de estabelecer uma aproximação entre os indivíduos. Sendo assim, temos a sensação dentre as entrevistadas, o **sujeito 2**, sabendo que sua família compreende tanto o português quanto o espanhol, faz uso do *code switching* livremente.

Na próxima questão, queria entender a partir da opinião de cada uma das entrevistadas, *qual das línguas elas falavam melhor*. Sabemos que a socialização no ambiente de trabalho faz com as entrevistadas troquem constantemente o código linguístico, talvez mais do que se trabalhasse, no caso das uruguaias, na cidade de Rivera. O dialogismo, entendido em uma das suas acepções enquanto princípio constitutivo da linguagem, através da interação, se faz presente no dia a dia do salão de beleza que estou analisando, uma vez que clientes e funcionárias são pessoas de múltiplas nacionalidades. Por se tratar da língua materna, o **sujeito 1** declara que fala melhor o espanhol. O **sujeito 2**, mais uma vez menciona o portunhol como “língua” que define falar melhor. Enquanto prática linguística, o portunhol é um fenômeno que ocorre marcado pelos movimentos das línguas nacionais, sendo movimentos determinados pelos falantes, sobretudo quando

realizam escolhas, como o **sujeito 2** explicita, como por exemplo a língua que está em funcionamento quando o grupo se mistura ou qual língua utilizada frente determinadas circunstâncias (STURZA, 2004). Por fim, nesta mesma questão, sujeito 3 manifesta-se de maneira igual para ambas línguas. Segundo a mesma, ela “*encara bem as duas, sem ter dificuldade*”

Podemos reiterar, de acordo com Bakhtin, que o sujeito é constituído dialogicamente, pois o pensamento é formado progressivamente, e se apóia em um sistema ideológico constituído do acúmulo de outros sistemas ideológicos existentes anteriormente e assimilados e transformados pelo sujeito. “O que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim, mas que, internalizado por mim, constitui heterogeneamente uma unidade, única e irrepetível” (GERALDI, 2003, p.81).

Principiamos de uma concepção em que a cultura é estabelecida mediante uma organização social da fala e perpassa diferentes tipos de discursos, possibilitando esclarecer que a cultura fornece estilos conversacionais e narrativos consoante com o grupo social do qual todos somos membros. Os referidos estilos estudados como uma das partes formadoras da identidade cultural de todos indivíduos (KRAMSCH, 1998). Por consequência, ao pensar nas entrevistas que realizamos nessa pesquisa, as respostas se deram por meio de um discurso que se forma pela transformação dos valores que foram construídos ao se formar como indivíduo em um ambiente intercultural que é a nossa fronteira.

No decorrer das entrevistas é possível perceber discursos permeados por vários outros discursos, a exemplo da última pergunta do questionário. Quando questionadas se utilizavam a L2 antes de trabalhar no espaço da pesquisa, o **sujeito 2**, principalmente, responde que não, mas evidencia que “*quem mora na fronteira é acostumado a lidar tanto com uruguaio quanto com brasileiro normalmente, então tu tá sempre nessa mudança de língua*”. Aqui, fica evidente que a entrevistada se apropria de discursos que circulam na sociedade de que o contato com indivíduos de ambas nacionalidades na fronteira faz com que a mudança de línguas seja constante, assim como o **sujeito 3**, que ressalta, além do que foi questionado, que “*por a gente ter um público grande de uruguaia que frequentam nosso local de trabalho então pra mim já faz parte do meu dia a dia assim*”.

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas

palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2006, p. 294).

Creemos que é isso que nos mostra o **sujeito 1**, em seu discurso, por meio do qual podemos perceber um sujeito dialogicamente em constituição à medida que se apropria do discurso que a sujeito julga ser de todos os fronteirios, reelaborando e o utilizando transformando-o em seu próprio discurso. Isso foi percebido quando, na última questão da entrevista o **sujeito 1** ressalta que usava em sua linguagem aquele “*portunhol*”, pois certas coisas ela não fazia a pronuncia [correta] e sim uma mistura dos sistemas linguísticos do português e do espanhol, condicionados, segundo Elizaincìn, Behares & Barrios (1987) por fatores extralinguísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos na análise da presente pesquisa, é possível apontar algumas considerações acerca dos objetivos apresentados na Introdução. O objetivo geral era verificar quais eram as motivações e os contextos em que ocorria a mudança de códigos linguísticos na fala do sujeito fronteiriço e como mostramos em toda a pesquisa, em um espaço determinado, Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY). Além do objetivo descrito, tínhamos mais dois específicos. São eles: verificar quais eram as situações enunciativas que motivavam a mudança dos códigos linguísticos e o grau de bilinguismo das participantes do estudo, grau este que era dado a partir da percepção de cada participante.

Em relação ao primeiro objetivo, percebemos por meio da observação e também das entrevistas, que as possíveis motivações e contextos que levam os três sujeitos entrevistados à mudança do código linguístico dentro do ambiente de trabalho que é fronteiriço são variadas. Notou-se que, principalmente, quando estão em interação com um cliente e dependendo de qual o código linguístico que esse cliente utiliza é o principal motivo para a mudança do seu próprio código. Claro que o *code switching* também está presente diariamente neste espaço, e de acordo com Grosjean (1982) que classificou, a necessidade de preenchimento de um item lexical, quando muitas vezes não se recordam de uma palavra específica. Podemos mencionar que outras motivações que não estão elencadas na bibliografia adotada, foram encontradas durante as observações, como contar um segredo ou informar algo para que se mantenha em sigilo, dar efeito de comicidade. Revelamos também, que com relação aos contextos, não encontramos aqueles específicos como imaginávamos no começo da pesquisa. Notou-se que não existe, dentro do salão de beleza, uma situação, um enquadramento somente para a língua portuguesa ou somente para a língua espanhola. Por isso podemos afirmar que realmente o que conta é determinada pela motivação e não pelo contexto.

Ainda em relação às motivações para a realização da mudança constante de códigos linguísticos, notamos preliminarmente as escolhas linguísticas como estratégias sociais, ou seja, as entrevistadas, e não somente elas, mas os falantes em geral dentro do salão de beleza, não utilizam a linguagem somente por conta de suas identidades sociais ou fatores situacionais, mas buscam explorar potencialidades das escolhas para transmitir a interculturalidade. Além de tudo, os **sujeitos 1, 2 e 3** deste estudo utilizam do recurso

de alternância de códigos tanto com as colegas e clientes uruguaias como as brasileiras, o que nos faz acreditar que não há distinção, nem vergonha e nem medo do erro no uso da segunda língua no ambiente de trabalho. Acreditamos que o dia a dia é um constante aprendizado e que todos os indivíduos que frequentam esse ambiente são formadores das línguas que perpassam naquela realidade.

Quanto ao segundo objetivo, mais uma vez através da observação e das entrevistas feitas com as funcionárias do salão de beleza, partimos que não há situações enunciativas que determinem a mudança do código linguístico. Digamos, por exemplo, que uma cliente foi embelezar as unhas com o **sujeito 2**. Esta situação não obteve resultados tão relevantes a ponto de descrevermos em nosso estudo. Notamos que independente do assunto entre profissional e cliente, seja a cor da unha que a cliente gostaria de usar naquele dia, ou como quer que seja o tamanho da unha, ou mesmo algum assunto mais íntimo já que muitas vezes a cliente já tem intimidade com a profissional, tudo isso não revelou para a pesquisa motivações conscientes para a mudança de códigos linguísticos. Notou-se sim, que, se a cliente é uruguaia e a profissional também, a maior parte do tempo da interação se dará em espanhol e vice e versa. Porém se cada uma for de nacionalidade diferente, concluímos que a funcionária irá utilizar o código da cliente, independente de qual código for.

Aliás, independentemente do quão conservadora for a família de cada uma das entrevistadas com relação a língua, como foi possível entender por meio das entrevistas, ou mesmo os costumes, os locais que frequentam, os programas que cada um dos sujeitos assiste, tudo acaba ficando da porta de casa para dentro. Insistimos em ressaltar que todas as entrevistadas são bilíngues e que o ambiente de trabalho das mesmas influencia nesse bilinguismo, na manutenção e na aprendizagem do português ou do espanhol como segunda língua.

Por fim, como terceiro objetivo deste trabalho, queria entender o grau de bilinguismo de cada participante. Lembramos aqui que, para Mackey (1968), o grau de bilinguismo está relacionado com a competência linguística que o indivíduo bilíngue consegue desenvolver em cada uma das quatro habilidades, que são: falar, compreender, ler e escrever. Para mim, bastava apenas as percepções das participantes com relação aos seus domínios na segunda língua. Neste momento, entendi que todas as entrevistadas se consideram sim bilíngues, que dominam e compreendem bem as duas línguas e que todas as situações enunciativas que envolvem a segunda língua não apresentam obstáculos.

No início deste estudo coloquei que seria um desafio desenvolvê-lo; realmente descobri que não estava errada. Há muitos meses atrás escrevi esta frase e, como não mandamos no futuro, muitas coisas aconteceram e em um piscar de olhos e chegou o momento da defesa. Mesmo sendo um desafio, foi gratificante. São a partir desses desafios que nos desenvolvemos como seres humanos; crescemos e entendemos que tudo passa muito mais rápido do que gostaríamos.

Este trabalho representa literalmente o que sou. Ele é uma parte de mim, da minha história linguística. Tive a honra de nascer e me formar nesse lugar que para nós, daqui, é tão “comum”, mas que a partir dessa pesquisa se apresentou tão rico, tão cultural, tão único. Aliás, foi conversando com os meus professores que percebi a real riqueza desse local. Em um mundo tão polarizado que vivemos hoje, a reflexão acerca de duas culturas totalmente diferentes e que vivem em perfeita harmonia nos faz acreditar que ainda devemos confiar que em nós mesmos, seres humanos. Durante a coleta de dados pude perceber o quão importante é estudar o bilinguismo, a terceira língua, o *portunhol*, ou seja, como se quer definir o código linguístico que é desenvolvido nessa fronteira. O espaço onde o estudo se desenvolveu, o salão de beleza, foi escolhido a partir da percepção de um indivíduo que não é fronteiriço e que desconhecia nossa realidade e que ao frequentar aquele local, saiu encantado e acabou me relatando “como é fantástico ver todo mundo falando português, espanhol, *portunhol* e mesmo assim se entender sem problema algum. Eu estava impressionado!”

Ser fronteiriço, reconhecer a fronteira, estar na fronteira, morar na fronteira, é estar em um espaço privilegiado de formação humana, que o interior do país muitas vezes desperdiça, principalmente por desconhecê-la. Cada vez mais é necessário divulgar e promover o conhecimento sobre as línguas, as práticas cotidianas que vão além do livre comércio e do limite político. Na educação, as diferenças se evidenciam, mas também é uma grande oportunidade para que se descubram as semelhanças e se construa o respeito à história e aos modos de falar, sentir, expressar e desejar o futuro de cada povo, de cada cidadão brasileiro, uruguaio, ou melhor, cidadão fronteiriço que talvez não se sinta pertencente de um país ou mesmo de outro, mas de ambos que o acolhem e o fazem ricos de sabedoria, de cultura e de convivência transnacional e intercultural. Coisas que grande parte das pessoas ainda devem desconhecer. Temos muitíssimo o que desvendar em nossas fronteiras e esse foi um estudo que tinha, além dos seus objetivos formais, colaborar para que outros estudos venham engrandecer o que hoje reconhecemos como cidades gêmeas e fronteira da paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In Estética da Criação Verbal; tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**; tradução Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BLOM, J. P.; GUMPERZ, J. J. **Social Meaning in Linguistic Structure**: code-switching in Norway. In: Gumperz, J. J.; Hymes, D. *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1972.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**; tradução Maurício Santana Dias. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

DABÈNE, Louise; MOORE, Danièle. **Bilingual speech of migrant people**. In: Milroy, Lesley; Muysken, Pieter. *One speaker, two languages: Crossdisciplinary perspectives on code-switching*, 17-44. Great Britain, Cambridge, 1995.

DOMINGO, Luciana Contreira. **Letramento intercultural**: a formação de mediadores interculturais nos cursos de letras. 2015. 205 f. Tese doutorado em Letras. Programa de pós graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2015.

ELIZAINCÍN, A., BEHARES, L. & BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideu: Editorial Amesur. 1987.

FRANCESCHINI, Rita. **The notion of code in linguistics**. In: P. Auer (Ed.) *Codeswitching in conversation: Language, interaction, and identity*. London: Routledge, 1998.

GERALDI, J. W. In: XAVIER, A. C. & CORTEZ, S. **Conversas com linguistas**. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages - An Introduction to Bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982, 2010.

GUMPERZ, John. **Discourse strategies**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

HENSEY, Frederik Gerald. **The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border**. The Hague: Mouton, 1972.

HEYE, Jurgen. **Considerações sobre bilinguismo e bilinguagem**: revisão de uma questão. Palavra, Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.

KRAMSCH, C. **Language and Culture**. Oxford, OUP, 1998.

MACKEY, William F. **The description of bilingualism**. In: FISHMAN, J., Readings in the sociology of language. The Hague, Mouton, 1968.

MARQUES, Maria do Socorro de Almeida Farias. **Um olhar para o ingresso específico para uruguaio fronteiriços na Unipampa - campus Jaguarão**: por uma política linguística e educacional integracionista no entremeio identitário. 2016, 196 f. Tese de doutorado em Letras. Programa de pós graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2016.

MELLO, Heloisa Augusta Brito de. **O falar bilíngue**. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005

MOZZILLO, Isabella. **Sobre a natureza da conversação bilíngue**: uma abordagem via teoria da relevância. 2002. 175 f. Tese doutorado em Letras. Programa de pós graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. **O code-switching**: fenômeno inerente ao falante bilíngue. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

PONSO, Letícia Cao. **A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS**. 2006. 103 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

POPLACK, Shana. **Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en español**: toward a typology of code-switching, Linguistics, 1980.

PUPP SPINASSÉ, Karen. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** In: Revista Contingentia, Vol. 1, No 1, 2006, p. 1-10.

RAMAT, A. **Code-Switching in the context of dialect/standard language relations.** In: MILROY, L. and MUYSKEN, P. (eds), One Speaker, Two Languages. Cambridge, CUP, 1995.

ROMAINE, SUSAN. **Bilingualism.** New York: Basil Blackwell Inc., 1989.

RONA, J. P. **El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay.**Montevidéu: Librería Adolfo Lunardi. 1965.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SALGADO, A. C. P.; DIAS, F. H. **Desenvolver a bilinguagem:** foco da educação bilíngue e do ensino de línguas. Signo Santa Cruz do Sul, v. 35, n. especial, jun-dez 2010. p. 145-153.

SÁNCHEZ, Andrea Q. **A Fronteira Inevitável.** Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. Porto Alegre, 2002, 209 p. Tese de Doutorado. Universidade do Rio Grande do Sul, 2002.

SCOTTON, C.M. **Social motivations for codeswitching.** New York: Claredon Press Oxford, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck, 1911-. **Síntese de história da cultura brasileira.** 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Intercultural interaction:** a multidisciplinary approach to intercultural communication. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

STURZA, Eliana Rosa; TATSCH, Juliane. **A fronteira e as línguas em contato:** uma perspectiva de abordagem. Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato n° 53 (2017), p. 83-98.

STURZA, Eliana Rosa. **Fronteiras e práticas linguísticas:** um olhar sobre oportunhol. Revista Internacional de Linguística Iberoamericana. Vol. 2, No. 1 (3), Políticas da Linguagem no Brasil (2004), pp. 151-160.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva *apud* DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade.** Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

WEINREICH, V. **Languages in context**. The Hague: Mouton, 1953

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

- 1) Você fala português/ espanhol?
- 2) Qual sua língua materna?
- 3) Quais as principais situações em que você acredita ser necessária a mudança de língua em seu local de trabalho?
- 4) Quais os principais desafios em se trabalhar em um local onde duas línguas (português e espanhol) estão presentes diariamente?
- 5) Há alguma situação que você prefira usar somente sua língua materna?
- 6) Você assiste televisão? Assiste canais uruguaios ou brasileiro? Porque?
- 7) Em casa, qual a língua predominante? Há mudança constante de línguas?
- 8) Na sua opinião, você fala melhor em português ou espanhol?
- 9) Antes de trabalhar aqui você utilizava o português/espanhol frequentemente?

GUIÓN PARA LA REALIZACIÓN DE LAS ENTREVISTAS INDIVIDUALES

- 1) ¿Tú hablas portugués/español?
- 2) ¿Cuál su lengua materna?
- 3) ¿Cuáles las principales situaciones en que tu cree ser necesario el cambio de lengua en su local de trabajo?
- 4) ¿Cuáles los principales desafíos en trabajarse en un local donde dos lenguas (portugués y español) están presentes diariamente?
- 5) ¿Hay alguna situación que prefieras utilizar solamente su lengua materna?
- 6) ¿Tú asiste televisión? ¿Canales uruguayos o brasileños? ¿Porque?
- 7) ¿En casa, cual es la lengua predominante? ¿Hay cambio constante de lenguas?
- 8) En su opinión, ¿tú hablas mejor en portugués o español?
- 9) ¿Antes de trabajar aquí tú utilizabas el portugués/español frecuentemente?

ANEXO B

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Noemi – 06 de julho de 2017

Pesquisadora: Você fala português e espanhol?

Noemi: Sim.

Pesquisadora: Qual a sua língua materna?

Noemi: espanhol.

Pesquisadora: Quais as principais situações em que tu acreditas ser necessária a mudança de língua aqui, no teu local de trabalho?

Noemi: Por a gente viver em uma região de fronteira e por a gente ter muita cliente uruguaia, então fica... me facilita bastante porque pra gente se comunicar com as cliente que vêm de fora tipo de Tacuarembó, de Montevideo, aí a gente têm melhor acesso, entende o que elas querem e solucionar o problema que elas vem buscar.

Pesquisadora: Tá, quais são os principais desafios que tu acha que tem aqui no teu local de trabalho, onde tem duas línguas, se existe algum desafio onde as línguas estão presentes diariamente?

Noemi: Pra mim eu acho natural, as vezes eu encontro alguns desafios para transmitir para as gurias que não entendem muito o espanhol do que a cliente realmente quer, mas para mim é bem tranquilo.

Pesquisadora: Existe alguma situação em que tu prefira usar somente o espanhol que é a tua língua materna?

Noemi: Sim, com as clientes uruguaias eu prefiro usar somente o espanhol, porque não adianta muito, elas não entendem muito bem o português.

Pesquisadora: Tá, mas no caso elas são uruguaias, mas são aqui da fronteira tu acha que elas não entendem também ou é mais quem não é daqui?

Noemi: Não, mas tu sabe que tem algumas uruguaias que fica difícil, mas tanto faz, falo tanto o espanhol quanto o português. Normalmente quem é uruguaio a gente só fala em espanhol.

Pesquisadora: Tu assiste televisão?

Noemi: Sim.

Pesquisadora: Tu assiste canal uruguaio ou brasileiro e porquê?

Noemi: Na verdade eu assisto os dois, porque quando eu estou na minha mãe que a gente pega mais canais uruguaio, jornal, essas coisas, eu escuto do lado de lá e do lado brasileiro eu também escuto porque eu gosto do jornal nacional para me informar, porque as vezes as notícias são diferentes que estão passando no Uruguai e no Brasil.

Pesquisadora: Na tua casa, qual é a língua que predomina?

Noemi: O espanhol.

Pesquisadora: Não existe essa coisa de tu estar mudando de língua como aqui no teu ambiente de trabalho que tem essa mudança constante?

Noemi: Mais ou menos, porque com a minha filha eu só falo em espanhol e com o resto da família as vezes eu trato em português, as vezes em espanhol, mas com ela assim, como eu quero que ela aprenda mais o espanhol que não tenha tantos erros, eu falo em espanhol.

Pesquisadora: Na tua opinião, tu fala melhor o português ou fala melhor o espanhol?

Noemi: Por ser a minha língua materna, melhor o espanhol.

Pesquisadora: A última pergunta, antes de tu trabalhar aqui tu utilizava o português frequentemente?

Noemi: Eu usava, mas aquele portunhol, aquele da “mas” da fronteira que certas coisas eu não pronunciava, misturava... agora trabalhando aqui que eu melhorei e realmente aprendi a falar melhor.

Pesquisadora: Então tá, muito obrigada!

Noemi: Merece!

Inês – 06 de julho de 2017

Pesquisadora: Tu fala português e espanhol?

Inês: Sim, eu falo as duas línguas.

Pesquisadora: Qual tua língua materna?

Inês: Espanhol.

Pesquisadora: Quais as principais situações em que tu acredita que seja necessária a mudança de línguas em teu local de trabalho?

Inês: Claro. Quando eu falo com uma uruguaia, aí eu falo em espanhol, né?! Melhor para entender e tudo né porque tem pessoas que vem aqui que não são exclusivamente de Rivera, porque quem é de Rivera entende as duas línguas. Depois, as brasileiras sim a gente fala em português porque elas têm mais dificuldade de entender o espanhol.

Pesquisadora: Certo. Número 4 então. Quais são os desafios de se trabalhar em um local em que duas línguas estão presentes diariamente?

Inês: Pra mim nenhum, né?! Totalmente natural.

Pesquisadora: Certo. Então vamos para a pergunta número 5. Existe alguma situação em que tu prefira usar somente sua língua materna? Somente o espanhol?

Inês: Com os meus filhos, no colégio deles, estudam no Uruguai... só.

Pesquisadora: E aqui dentro do teu ambiente de trabalho tu acha que tem algum momento que tu use somente o espanhol?

Inês: Olha, aqui têm muitas colegas uruguaias, algumas brasileiras então a gente fala um pouquinho de cada coisa e mistura também bastante.

Pesquisadora: Certo, então pergunta número 6. Tu assiste televisão?

Inês: Assisto.

Pesquisadora: Tu assiste canais uruguaios ou brasileiros?

Inês: Brasileiros.

Pesquisadora: E porquê? Por que que tu acha que assiste canais brasileiros?

Inês: São mais interessantes, né?! É incomparável os artistas brasileiros com os uruguaios, né?! Não tem nada a ver.

Pesquisadora: Tem algum programa específico que tu assista?

Inês: Olha... não tem o que eu não assista principalmente na Globo, mas... é o único canal assim que me chama a atenção é a Globo.

Pesquisadora: E ele contribui de certa maneira com a tua aprendizagem com o português?

Inês: Foi completamente a minha escola em português, né?! Os canais brasileiros são praticamente uma escola imagina que tu começa escutar uma linguagem tipo desde pequenininha então isso vira uma coisa normal pra ti.

Pesquisadora: Número 7. E na tua casa, qual é a língua predominante?

Inês: A gente fala espanhol, fala português e fala portunhol, que é um dialeto que só aqui na fronteira tem.

Pesquisadora: Certo. Então vocês têm essa mudança constante de línguas?

Inês: Isso.

Pesquisadora: Na tua opinião, tu fala melhor em português ou melhor em espanhol?

Inês: Eu falo melhor o portunhol, nem o espanhol nem o português, aqui é um portunhol.

Pesquisadora: Última pergunta. Antes de tu trabalhar aqui, tu utilizava frequentemente o português ou foi a partir do momento que tu começou a trabalhar aqui que o português se tornou uma língua mais frequente?

Inês: Não, quem mora na fronteira é acostumado a lidar tanto com uruguaio quanto com brasileiro normalmente então tu tá sempre nessa mudança de língua.

Pesquisadora: Então é isso, muito obrigada.

Cibele – 08 de julho de 2017

Pesquisadora: Tu fala português e espanhol?

Cibele: Sim, falo os dois idiomas.

Pesquisadora: Qual a tua língua materna?

Cibele: Português.

Pesquisadora: Quais são as situações em que tu acredita que é necessária a mudança de língua aqui no teu local de trabalho?

Cibele: No caso aqui, como a gente trabalha com público uruguaio no caso é bem necessário a gente ter essa troca porque nem sempre elas conseguem entender o português, né?! Então é necessário falar o espanhol no caso.

Pesquisadora: Quais são os principais desafios de se trabalhar em um lugar onde duas línguas, no caso o português e o espanhol, estão presentes diariamente?

Cibele: No meu ponto de vista eu não tenho dificuldade nenhuma por ser fronteira a gente está habituado a usar os dois idiomas, falar os dois idiomas. Então pra mim é bem tranquila essa parte.

Pesquisadora: Existe alguma situação que tu prefira usar a tua língua materna somente?

Cibele: Quando estou com meus familiares sim porque eles são brasileiros no caso, então eu uso o português.

Pesquisadora: E aqui no teu local de trabalho tem alguma situação em tu prefira só usar o português?

Cibele: Não, para mim é indiferente.

Pesquisadora: Número 6. Tu assiste televisão?

Cibele: Sim.

Pesquisadora: Tu assiste canal uruguaio ou brasileiro?

Cibele: brasileiro.

Pesquisadora: Porque? Tem um motivo?

Cibele: Não, não tem um motivo especial. Não sei, eu gosto mais dos canais brasileiros mas não tem um motivo especial.

Pesquisadora: Na tua casa qual é a língua predominante?

Cibele: Na verdade eu uso os dois idiomas né, porque como meu marido é uruguaio, quando ele está presente eu falo o espanhol com ele, mas como minha família toda é brasileira eu falo português com meus familiares.

Pesquisadora: Então existe essa mudança constante de línguas na tua casa?

Cibele: Sim, existe.

Pesquisadora: *Aham*. Na tua opinião tu fala melhor o português ou o espanhol?

Cibele: Eu acho que eu encaro bem os dois, não tenho uma dificuldade assim... O espanhol as vezes eu noto quando fico muito tempo sem falar o espanhol parece que a língua dá uma travada assim, né?! Mas logo em seguida se eu praticar o espanhol com frequência pra mim é tranquilo.

Pesquisadora: Tá. Então última pergunta, número 9. Antes de trabalhar aqui tu utilizava o espanhol frequentemente ou não. Qual é a tua familiaridade com o espanhol?

Cibele: Eu sempre utilizei na verdade o espanhol porque eu morei durante 8 anos lá e depois eu casei com uruguaio e aí por frequentar a casa dos familiares dele eu uso bastante né.

Pesquisadora: Então antes de tu trabalhar aqui tu já utilizava o espanhol com frequência.

Cibele: Sim, com frequência. Já por causa da escola, depois por amizades, por causa também dos familiares e depois aqui no salão direto por ser fronteira e por a gente ter um público grande de uruguaias que frequentam nosso local de trabalho então pra mim já faz parte do meu dia a dia assim.

Pesquisadora: Certo. Muito obrigada pelas palavras.

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____, responsável pelo aluno _____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, a pesquisa: “A mudança do código linguístico na fala do fronteiroço: as variáveis que comandam a interação” que tem como objetivo geral: “verificar as situações enunciativas que motivam a mudança de código linguístico na fala do sujeito fronteiroço”.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Lorena Oliveira Py (Fone 55 81268062). O orientador é o Professor Doutor Hilário Bohn.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Data __ / __ / ____

Prof. Dr. Hilário Bohn

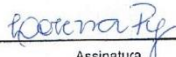

Lorena Py

Voluntário da Pesquisa

ANEXO D – FOLHA DE ROSTO



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: A MUDANÇA DO CÓDIGO LINGUÍSTICO NA FALA DO FRONTEIRIÇO: AS VARIÁVEIS QUE COMANDAM A INTERAÇÃO			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 4			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: LORENA OLIVEIRA PY			
6. CPF: 012.543.390-51	7. Endereço (Rua, n.º): SYLVIO POUHEY CADEMARTORI JARDINS 128 SANT'ANA DO LIVRAMENTO RIO GRANDE DO SUL 97576510		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 55981268062	10. Outro Telefone:	11. Email: lorenapy@hotmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p style="text-align: center;">Data: <u>01 / 04 / 2017</u> <u></u> Assinatura</p>			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Católica de Pelotas - UCPel	13. CNPJ: 92.238.914/0002-94	14. Unidade/Órgão: SOCIEDADE PELOTENSE DE ASSISTENCIA E CULTURA (SPAC)	
15. Telefone: (53) 2128-8300	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>ADAIL UBIRAJARA SOBRAL</u> CPF: <u>071.204.275-04</u></p> <p>Cargo/Função: <u>COORDENADOR DO PPGEL</u></p> <p style="text-align: center;">Data: <u>21 / 03 / 2017</u> <u></u> Assinatura</p>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.		Prof. Dr. Adail U. Sobral Coord. de Programa de Pós-Graduação em Letras Mestrado/Doutorado - UCPel	

ANEXO E – DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO E INFRAESTRUTURA

Pelotas, 09 de março de 2017

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCPel:

Declaro ter conhecimento e autorizo a realização da pesquisa intitulado A MUDANÇA DO CÓDIGO LINGUÍSTICO NA FALA DO FRONTEIRIÇO: AS VARIÁVEIS QUE COMANDAM A INTERAÇÃO, proposto pela pesquisadora Lorena Oliveira Py.

O referido projeto será desenvolvido no(a) Nuance Beauty Center, e só poderá ocorrer a partir da apresentação da carta de aprovação do CEP/UCPel.

Atenciosamente,

108489330/0001-021
BURCEL & SANTOS LTDA
AV. 20 DE MAIO, 966
CENTRO - CEP 97540-400
SANTA RITA DO PALMEIRO - RS



Henry Jefferson
Proprietário

Nome, cargo, carimbo e assinatura do responsável pelo local da realização da pesquisa